

*Durante o 17º Congresso do SINPEEM, que neste ano discutirá o tema “Os Desafios da Educação Atual”, serão apresentados vários projetos pedagógicos desenvolvidos nas escolas da rede municipal por profissionais do magistério comprometidos com a qualidade do ensino público.*

*Além das sinopses dos projetos, que abordam os mais variados temas, neste caderno os delegados têm à disposição sínteses dos debates que serão apresentados no evento, com ênfase para a importância da educação no desenvolvimento humano.*

**DESEJAMOS A TODOS  
UM ÓTIMO CONGRESSO!**

A DIREÇÃO



CLAUDIO FONSECA  
Presidente

**Obs.: os textos e a revisão dos mesmos são de EXCLUSIVA responsabilidade dos autores.**

# PAINÉIS

Os desafios da educação atual - O professor do futuro, no futuro, rumo ao futuro -----	6
Desafios da educação no mundo de hoje – o jovem, a escola e a justiça ---	7
Os desafios do Brasil no presente para preparar o futuro - Leitura e alfabetização: prioridades em novos contextos -----	8
Cidadania escolar -----	9

## GRUPOS DE INTERESSE

### DIA 18/10 - 8H30 ÀS 12H30

Indisciplina: resposta a uma sociedade desestruturada - Por que fracassa o ensino no Brasil? -----	10
Indisciplina: resposta a uma sociedade desestruturada -----	11
As dimensões da ação do professor -----	12
Inovações tecnológicas ajudam ou atrapalham a formação de cidadãos conscientes? -----	13
A problemática da revolução informacional e a educação -----	13e 14
As múltiplas linguagens da criança e a formação da identidade na educação infantil - Processos de socialização, linguagens artísticas e formação da identidade na criança -----	15
As múltiplas linguagens e a construção da identidade -----	16
Os desafios para construir uma escola de educação infantil de qualidade ----	17
Inclusão: ferramentas, condições de trabalho, avaliação, registro - Tecendo laços com a vida -----	18
Inclusão: ferramentas, condições de trabalho, avaliação e registro -----	19
A escola está namorando: sexualidade também se aprende na escola? ----	20
Gestão e organização da escola numa perspectiva social -----	21
Transformando escolas públicas em centros estratégicos de desenvolvimento sustentável na comunidade: o papel dos gestores enquanto lideranças educacionais -----	22

### DIA 19/10 - 8H30 ÀS 12H30

Coordenação pedagógica: desafios de novas funções e ações	
O coordenador pedagógico e a questão da (in)disciplina junto aos professores -----	23
Coordenação pedagógica: desafios das novas funções e ações -----	24
O desafio para formar indivíduos críticos e criativos -----	25
O desafio da educação na escola - Comunicação assertiva e gerenciamento de relações no contexto educacional -----	26
Alfabetização como prática socializadora -----	26 e 27
O que aconteceria se ensinássemos Filosofia nas escolas? -----	28 e 29
Quem cuida, educa? A prática educativa nas creches -----	30 31
Entre o desenhar e o escrever: Para onde vai o potencial expressivo dos nossos jovens? -----	32
Bagagens, alfândegas e passageiros -----	33
Os perigos da coação no ato de educar -----	34 e 35
Verdades e mitos sobre a ascensão da violência entre crianças e adolescentes -----	36
O mercado de brinquedos e a violência -----	37

### DIA 19/10 - 14H30 ÀS 17H30

Dimensões políticas, sociais e culturais da educação no Brasil -----	38
O desafio de levar o brincar para o cotidiano da sala de aula -----	39 e 40
O papel do quadro de apoio dentro de uma escola formadora de opinião, limites e possibilidades - O aprendizado além da sala de aula -----	41

A universalização da leitura e da escrita - Correlação entre leitura, escrita e desenvolvimento social e o papel formador da literatura -----	42
A universalização da leitura e da escrita -----	43
EJA: conhecimento e transversalidade na concepção de currículo - Subsídios para repensar o currículo da EJA -----	44
O currículo integrado do Projovem -----	45
E quando a criança não consegue aprender? -----	46
Educar para reencantar a educação -----	47
O ensino fundamental de nove anos: desafios e perspectiva - A escola de nove anos: integrando as potencialidades da educação infantil e do ensino fundamental -----	48
Concepção psicanalítica da criança e do brincar: além do sentido e do significado -----	49

## PROJETOS PEDAGÓGICOS

### DIA 18/10 - 8H30 ÀS 12H30

Baú do teatro -----	50
Caixa de estória -----	51
A construção do brinquedo, propiciando o resgate da cultura popular no processo pedagógico -----	52
Integração e parcerias possíveis entre educadores de CEI e Emef -----	52
O cio do pão -----	53
Construindo a identidade na torre encantada -----	53
Resgatando a memória da classe trabalhadora -----	54
É de menino ou de menina? -----	55
A linguagem e a comunicação na deficiência mental -----	56
Entendendo o surgimento do Crece -----	56
Educação para a paz, para pais e educadores -----	57
O corpo na educação infantil -----	58

### DIA 19/10 - 8H30 ÀS 12H30

Criação de atividades para os alunos na Internet -----	59
Aprendendo a conviver -----	59
Dança do ventre -----	60
Dislexia, cognição e aprendizagem -----	61
Por um desenvolvimento sustentável -----	61
Ensinando e aprendendo geografia com as palavras tupi-guarani - A língua tupi-guarani e sua relação geográfica em nosso cotidiano -----	62
Estímulo à leitura por meio da narrativa de interação - A Aventura de Curumatara: uma proposta de leitura interativa e interdisciplinar -----	63
Ponto de vista -----	64

### DIA 19/10 - 14H30 ÀS 17H30

Ler, escrever e o computador na educação infantil -----	64
Construindo a alfabetização usando o rodízio de atividades - Projeto Higiene Corporal -----	65
Jovem Guarda Kids -----	65
E eu com o lixo? evitando o desperdício de alimentos E eu com o lixo? evitando o desperdício de alimentos -----	66
Preservação de um fragmento remanescente da Mata Atlântica do Parque Ipê -----	67
Conhecendo o mundo através da literatura infantil -----	67
Inclusão perversa -----	68
Emee com a Matemática na Copa -----	69
A inclusão pedagógica do surdo, construção de linguagem, identidade e cidadania -----	69

**DIA 17/10 - 9H30 ÀS 12H30**

## **Os desafios da educação atual**

*O professor do futuro, no futuro,  
rumo ao futuro*

*Max G. Haetinger,  
professor, mestre em Educação, psicopedagogo*

Se o comportamento das crianças e jovens vem se transformando nesse novo contexto, a sociedade também cobra dos meios educacionais e dos professores novas formas de pensar, planejar e estruturar a transmissão de conhecimento. Por isso, o educador está sendo forçado a mudar, quebrando certas posturas conservadoras que ainda utilizam somente o “pó de giz” e os cadernos em classe. Ser educador hoje em dia é muito diferente do que foi há 20 anos, quando não contávamos com a revolução tecnológica e de informação da atualidade. Por isso, percebemos a necessidade de oferecer aos alunos interações mais reais e criativas. Precisamos então reavaliar nossa metodologia de ensino, não só no que diz respeito à forma, mas também em relação aos conteúdos.

Numa proposta interacionista, o professor deixa de ser o informante do saber, como no racionalismo, e assume a função de mediador entre a informação gerada socialmente e em constante mutação, difundida hoje das formas mais diversas (rádio, internet, vídeo, TV etc.). Essas informações são acompanhadas por uma tecnologia capaz de transmitir simultaneamente para todo o mundo civilizado, globalizando o acesso. Claro o sujeito que aprende e o objeto de conhecimento, favorecendo a interação..

Essa mediação, necessariamente, dá-se num contexto social interativo. Se o professor não precisasse ser mediador do processo de ensino-aprendizagem, e se esse processo fosse uma simples apropriação individual sem nenhum apoio externo, “não haveria analfabetos” (Kauffmann, 1989).

O conhecimento teórico é fundamental para que o professor possa acompanhar a evolução de cada aluno e interpretar o seu nível de desenvolvimento.

Outro aspecto relevante é a relação afetiva que o educador estabelece com seus alunos. Através de uma boa relação afetiva, os alunos sentem-se mais confiantes para expressar seus pensamentos e opiniões, pois sabem que serão compreendidos. Os educadores devem ser multidisciplinares em atuação e formação.

Além dos conteúdos e metodologias referentes ao ensino/aprendizagem das disciplinas que lecionam, eles precisam um maior conhecimento sobre as técnicas que envolvem os processos e ferramentas disponíveis atualmente. Palavras como hardware, software, bandas de transmissão, TV a cabo, satélite, teorias de comunicação, estética e design, entre outras, passarão a fazer parte do dia-a-dia.

Esta aprendizagem inclui um novo contexto, novas

ferramentas a serem conhecidas e assimiladas pelos educadores, pois muitas vezes parece que os alunos já nasceram sabendo se relacionar com este mundo virtual e digital.

## ***Desafios da educação no mundo de hoje – o jovem, a escola e a justiça***

***Maria Cecília Cortez Christiano de Souza,***  
*vice-diretora da Faculdade de Educação da USP*  
*e professora Titular do Departamento de Filosofia*  
*da Educação e Ciências da Educação da USP.*  
*Pós-doutorado, França; doutorado em Educação, USP;*  
*especialização em Psicologia e Ciências da Educação, Suíça*

O presente texto discorre sobre os desafios da educação no mundo de hoje, a influência das regras na vida do jovem, seja no âmbito social, seja no psíquico; analisando, dentro deste contexto, a intervenção do adulto.

O “problema da juventude” é assunto clássico na literatura educacional, há textos que remontam à Antiguidade. O que se apresenta como novidade hoje não é tanto a crise da juventude, mas a crise do mundo adulto. Essa crise para alguns resulta da radicalização de uma questão colocada pela modernidade, qual seja, a exacerbação do individualismo a ponto de fazer as gerações mais velhas abrirem mão de sua tarefa de educar as gerações mais jovens. Esse fenômeno pode ser observado concretamente nas grandes aglomerações urbanas brasileiras.

A despeito de certa homogeneidade de renda, existe em seus bairros uma grande heterogeneidade cultural, que se vê agravada pela mobilidade domiciliar. Dentro dessa diversidade, diante do anonimato dominante, as comunidades locais não podem suprir o seu papel tradicional de fornecer aos jovens um nicho social de tolerância frente a alguns comportamentos, e por outro lado, um pacto coletivo capaz de coibir certos comportamentos abusivos por parte dos adolescentes. Esse esfacelamento dos laços comunitários não é, como alguns podem pensar, exclusivo dos bairros periféricos.

Em todos os grupos sociais, incluindo aqueles que habitam os condomínios de luxo, nota-se a mesma diversidade de valores e modos de vida, o mesmo anonimato, a mesma indiferença, a mesma ausência de consenso sobre o que permitir, o que tolerar e o que proibir ao jovem. Os adultos, de modo geral, passaram a não conhecer o suficiente os jovens para estar na medida de intervir, e o jovem não reconhece mais na autoridade adulta o direito de intervenção. Ninguém conhece o suficiente suas famílias para prever as reações, ninguém sabe como agirá a polícia, educadores, autoridades do Estado e da comunidade. Como consequência, o medo dos adultos passou a incentivar transgressões dos jovens. Por outro lado, a repressão, que se apresenta sempre como violência e apenas nos casos extremos, acabou por perder seu caráter educativo. No entanto, é preciso que, de algum modo, o jovem viva dentro um contexto em que o direito prevaleça sobre a força. Cabe à escola, nesse difícil momento, a missão de recuperar para o jovem o sentido da justiça, na medida em que a lei justa está no centro do Estado de Direito e se coloca em oposição tanto à violência de que o jovem é vítima quanto à violência que o jovem infringe a si mesmo.

## **Os desafios do Brasil no presente para preparar o futuro**

### ***Leitura e alfabetização: prioridades em novos contextos***

*Claudemir Belintane, professor e pesquisador  
da Universidade de São Paulo (USP)*

Apresenta-se aqui uma reflexão sobre o ensino da leitura-escrita no contexto do novo milênio, levando em conta a heterogeneidade das salas de aula brasileiras em contraste com as potencialidades oferecidas pelas novas tecnologias.

Nesta primeira década do milênio, algumas preocupações recorrentes em várias décadas do século XX, retornaram com intenso vigor, agora acercadas por um contexto histórico diferente. Se no passado, por exemplo, os embates entre metodologias de alfabetização se davam de forma dicotômica, hoje esse mesmo contexto é recortado por novas incursões teóricas que buscam, pra além dos métodos, estudos que possam focar um pouco mais a escola brasileira, em sua singularidade e diversidade. Além desses enfoques, a escola brasileira atravessa a fase quantitativa e ingressa agora no momento dos diagnósticos (Saeb, Saesp, Enem e outros).

Ao mesmo tempo em que esses dados revelam uma demanda complexa de ensino, que tem como desafio uma heterogeneidade quase inacessível aos poucos recursos da prática pedagógica das escolas públicas em geral, essa complexidade se amplia ainda mais se levarmos em conta as exigências dos novos perfis profissionais e culturais ditados pela emergência de novos modos de produzir conhecimento.

Segundo a avaliação do Saeb (2003), há nas quartas séries brasileiras, no mínimo, quatro níveis em relação ao domínio da leitura, quais sejam: : 18,7% de alunos que sequer decodificam; 36,7% de alunos que lêem com dificuldades um texto adequado para a sua idade; 39,7% de alunos que mal parafraseiam; e apenas 4,8% de alunos que podem ser considerados proficientes. Essa heterogeneidade constitui um desafio que os modelos tradicionais de formação de professores, terão que se haver se de fato houver o compromisso de fazer da escola pública um lugar de formação do cidadão.

Como manter o modelo de sala de aula do milênio passado – se temos em qualquer série dos ciclos do fundamental essa heterogeneidade? Poderá um professor entender sua atenção e seus recursos aos alunos que decodificam e, ao mesmo tempo, dar conta dos que lêem medianamente e, ainda manter desafios para os que são leitores proficientes? Que materiais didáticos o professor utilizaria? Lançar mão do trabalho em grupo, confiando na perspectiva vygostskyana do desenvolvimento proximal seria suficiente? Com fazer tudo isso e, ao mesmo

tempo, garantir o acesso desses alunos aos novos modos de organizar o conhecimento? Como pensar a simultaneidade e a possível complementaridade entre o gráfico e o eletrônico? Enfim, se os governos resolverem fazer da leitura e da escrita uma verdadeira prioridade, como enfrentar tais desafios?

## ***Cidadania escolar***

***Içami Tiba,***  
*psiquiatra, escritor e consultor de escola e família*

As escolas não estão conseguindo formar dignamente um profissional, tampouco um cidadão.

Para atendermos a estes desejos e expectativas seria importante que as escolas praticassem a cidadania escolar, se preocupassem com o aprendizado dos alunos, e que transformassem as informações recebidas em conhecimentos que pudessem melhorar o aluno, a sua família, a sociedade e o planeta Terra.

Um cidadão não se forma sozinho. Passa pela cidadania familiar e pela cidadania escolar .

### **Cidadania familiar**

É praticar os princípios educativos do Quem ama, educa! Um filho não pode fazer em casa o que não poderá fazer na sociedade. Ele terá que praticar já em casa o que terá que fazer na sociedade. Para que este objetivo seja atingido é importante que a família funcione como uma equipe e suas lideranças. Todos trabalham em prol da sociedade familiar, assim, o que for bom para um não pode prejudicar o outro, nem a “folga” do outro “sufocar” um...

Falar mais e praticar bastante a ética, disciplina, responsabilidade, custo-benefício, estágio-trabalho etc.

### **Cidadania escolar:**

É um desenvolvimento do papel de professor que passa a ser um representante da ideologia da escola..Os jurássicos professores são aqueles que são os chefes dos alunos e não seus líderes. Chefes têm seus obedientes subalternos e Líderes preparam novos líderes. Não se ordena que um aluno aprenda, mas ele é estimulado a desenvolver seus conhecimentos, iniciativas e superar-se .....

O professor tem o destino do aluno em mãos, ajuda na construção do cidadão e deve fazer o possível para não transformá-lo num migrante escolar e futuro abandonador dos estudos.

Também na escola, o aluno não poderia fazer o que na sociedade não se faz e teria que começar a praticar o que terá que fazer. Com este crescimento pessoal, a escola pode contar com ele, e futuramente a sociedade poderá contar com este cidadão.

Assim como a família prepara mais herdeiros que sucessores, o Brasil estará também sem sucessores, mas numerosos herdeiros.

Se as empresas familiares, na sua grande parte foram falidas pelos seus próprios herdeiros, o Brasil pode afundar também nas mãos dos herdeiros políticos...

Nenhum empresário quer como funcionário uma pes-

soa que tenha o espírito de aluno. a escola prepara, na prática, que seu aluno seja no futuro,

- um trabalhador que só trabalhe nas vésperas do pagamento (estuda somente na véspera das provas);
- o aluno estuda o suficiente para passar de ano como um trabalhador que trabalha o suficiente para não ser despedido;
- o patrão acaba pagando o mínimo possível para que o seu empregado não o abandone.

Portanto, tanto o patrão como o empregado vivem do mínimo. O Brasil não pode viver do mínimo...

## GRUPOS DE INTERESSE

**DIA 18/10 - 8H30 ÀS 12H30**

### **Indisciplina: resposta a uma sociedade desestruturada**

#### ***Por que fracassa o ensino no Brasil?***

*Tania Zagury, filósofa e mestre em Educação,  
professora adjunta da UFRJ*

A cada ano novas avaliações evidenciam que o Brasil ainda não encontrou a fórmula do saber ser democraticamente distribuído. Metodologia, excesso de conteúdos, anacronismo curricular, forma de avaliar, condições de vida, interferência da mídia, Internet etc. são apontadas como causas da ineficiência. Opiniões que têm, todas elas, razão de ser, mas que não se baseiam em estudos concretos que as fundamentem. “Acha-se” muito, pesquisa-se pouco e muda-se demais sem considerar que cada mudança no sistema educacional implica em gastos financeiros e em horas de trabalho de quem dela participa. Para os professores em especial, representa também novos esforços e capacidade de adaptação. É inconcebível, portanto, que se suspenda e se perca (como é usual) todo um trabalho sem uma análise séria que justifique tal decisão.

A partir da década de 1970 a Educação vem passando por sucessivas mudanças; ainda assim só temos visto queda na qualidade. É o próprio INEP/ MEC quem afirma: ao final da 4ª série do Ensino Fundamental mais da metade dos alunos continua mal sabendo ler e fazer cálculos matemáticos básicos, com pequena “melhora” ao final da 8ª. É preciso, para evitar novos fracassos, ouvir antes e *em escala representativa* o docente que está nas salas de aula. sobre *necessidades intrínsecas e viabilidade de execução de cada novo projeto*.

Se não atentarmos às suas ponderações, daremos continuidade à desconstrução da indissolúvel união teoria/prática. São os docentes que asseguram a possibilidade de sucesso das medidas. Ignorar ou desprezar a realidade das salas de aula lotadas na maioria das escolas; a média de quatro horas de aula; a impossibilidade quase total de o professor se atualizar nas condições em que

trabalha é fechar os olhos à realidade.

Espera-se do professor que seja o executor eficiente e motivado das mudanças que níveis mais altos projetam. Para mudar a práxis é necessário que não se aja simplesmente usando a força da lei, modismos pedagógicos ou simpatias (nem “brigas”) pessoais. Medidas que funcionam carecem decorrer de estudos de realidade que as tornem viáveis assim como necessitam da adesão de quem executa. Grande parte das estratégias implantadas em educação fracassou porque não havia realmente possibilidade de serem operacionalizadas. Em síntese, não precisamos inventar nem copiar nada - por ora, pelo menos. Só colher os frutos da sensibilidade de nossos melhores talentos e agir de modo científico e não por *ensaio e erro* muito menos por interesses partidários. Afinal, já estamos no século XXI e não podemos nos dar ao luxo de novos fracassos.

## ***Indisciplina: resposta a uma sociedade desestruturada***

***Nelson Pedro Silva, professor doutor em Psicologia***

O artigo apresenta três medidas para a superação da indisciplina: valorizar o educador como intelectual; entender que a indisciplina é causada por fatores sociais mais amplos e outros ligados à política educacional vigente e conceber o professor como autoridade.

A indisciplina é um fenômeno tão grave que a escola – antes tida como *templo do saber* – está se consolidando como a *terra sem lei*. Conseqüência: de 52 mil educadores brasileiros, mais de 25% sofrem de esgotamento emocional, despersonalização, frustração profissional e são pessimistas quanto à mudança do quadro instituído.

Cabe dizer que é positivo o fato de os professores terem que compreender e auxiliar os alunos no aprendizado. Acontece que, para isso, o docente – com o salário que recebe e as condições péssimas de trabalho oferecidas – se desdobre ainda mais para exercer sua função, além de ter que dominar conhecimentos pedagógicos e psicológicos atuais. Não se pode desconsiderar também que poucos mestres estão preparados para a idéia – dispostas no ECA – de que o aluno não é apenas cumpridor de deveres, mas igualmente sujeito de direitos. Vêm-no apenas e equivocadamente como dispositivo cujo fim é o de “retirar” a autoridade do professor e transformá-lo em refém.

Diante desse quadro, como responder a uma sociedade desestruturada, sobretudo quando desrespeita valores morais e éticos? Em outros termos: como lidar com a indisciplina numa sociedade indisciplinada?

Indicamos, antes de tudo, que a indisciplina é influenciada por causas escolares, mas, principalmente, por fatores sociais mais amplos e ligados à política educacional atual. Logo, reduzi-la ao pedagógico soa como algo superficial, inverídico e preconceituoso, uma vez que vários itens têm contribuído para esse quadro. Dentre eles, podemos citar a relativização dos valores morais e éticos, a desestruturação das instituições, como a família que não educa, a polícia que mata, o poder judiciário que não julga, a imprensa que não informa; a divulgação distorci-

da do saber *psi*; a apologia da infância e da adolescência como referência de vida, a impunidade, a situação econômica do país e a influência da mídia eletrônica, que chega até a reforçar a indisciplina.

Diante do exposto, penso que a primeira medida é cada um contribuir, a partir da sua área de atuação, para a melhoria da educação. Nada é mais louvável do que economistas, filósofos, físicos, psicólogos, sociólogos, dentre tantos profissionais, dialogarem com educadores e refletirem sobre a educação. Porém, também nada mais arrogante, equivocado e antiético do que tais indivíduos quererem ditar como o educador deve agir.



## As dimensões da ação do professor

**Ruth Ribas Itacarambi**, professora doutora em Educação

*“Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo, mas os homens se educam em comunidade.” (Paulo Freire)*

Esta reflexão tem como intenção trazer algumas questões sobre a concepção de educação e a ação do professor.

Vamos falar sobre a educação para a democracia, na concepção apresentada por Benevides (1996). Na educação para a democracia está presente de forma direta a relação entre igualdade e liberdade, pois, se direitos civis e políticos exigem que todos gozem da mesma liberdade, são os direitos sociais que garantirão a redução das desigualdades de origem, para que a falta de igualdade não acabe gerando, justamente, a falta de liberdade. Não adianta falar de direitos civis e políticos se os direitos sociais não estão presentes.

A escola é o local privilegiado, para educar para a democracia que na sua concepção legal deve formar cidadãos ativos e livres.

A educação na escola como prática da liberdade, segundo Freire, não pode ser o ato de depositar, ou transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos. A educação de que estamos falando é questionadora, colocando a exigência da superação da contradição entre o educador e o educando no processo pedagógico, provocando a relação educativa do diálogo e tendo como meio os conteúdos culturais, éticos, políticos e sociais do momento histórico em que estão inseridos seus atores.

A relação educativa é uma relação política, por isso a questão da democracia deve ser considerada na escola, assim como na sociedade. Essa relação se define na vivência da escolaridade, na relação da escola com a comunidade, nas relações entre os profissionais da escola, na distribuição de responsabilidades e poder, nas relações entre o educador e educando, reconhecendo os alunos como cidadãos e na relação com os conteúdos culturais.

O diálogo, como meio de comunicação, começa na busca do conteúdo programático. O diálogo começa quando o educador se pergunta em torno do que vai dialogar com os educandos.

O diálogo na relação educativa também interfere em como se dá o ensino e a aprendizagem, ou seja, nas opções didáticas, métodos, atividades, organização do tem-

po e do espaço; aprendizado da cooperação e da participação social, valores fundamentais para que os educandos se percebam como cidadãos.

A contribuição da escola é a de desenvolver um projeto de educação democrático comprometido com as dimensões de liberdade, igualdade e solidariedade, levando ao desenvolvimento de capacidades que permitam ao educando intervir na realidade para transformá-la.



## **Inovações tecnológicas ajudam ou atrapalham a formação de cidadãos conscientes?**

**Vani Moreira Kenski**, mestre e doutora em Educação, professora de Pós-graduação em Educação da USP, diretora da Site Educacional/CIETEC/IPEN/USP, pesquisadora do CNPq e Fapesp, autora do livro *“Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância”* Ed. Papirus.

*O texto aborda as relações entre as inovações tecnológicas, a sociedade contemporânea e a função social da escola em um mundo em veloz e constante mudança e as suas repercussões e necessidades para a formação de alunos-cidadãos críticos e conscientes.*

Na visão tradicional, a educação escolar serve para a preparação das pessoas para a vida social, para a atividade produtiva e para o desenvolvimento técnico-científico. A escola é uma instituição social que tem importância fundamental em todos os momentos de mudanças na sociedade.

Na atual proposta liberal, a escola é instituição social da maior importância. É ali que se formam os quadros de profissionais que, mais do que dar vida, continuidade e inovação à produção, irão formar o exército de usuários para o consumo de bens e serviços da informação. Para a aquisição e uso dos novos produtos oferecidos no atual estágio de desenvolvimento econômico-social é preciso que o sujeito tenha um mínimo de escolaridade.

Em um momento social no qual a principal mercadoria em circulação é a informação, as pessoas precisam ter um mínimo de conhecimento formal para ser consumidor. Os demais consumidores letrados têm que estar sempre atualizados e informados para utilizarem cada vez mais informações.

Uma relação cíclica se estabelece: quanto mais se acessa a informação maior necessidade é preciso de atualização para estar em dia com as mais novas informações. E a escola é o espaço social que precisa garantir essa dupla função: acesso e atualização da informação.

### ***A problemática da revolução informacional e a educação***

**Sandro D’Amato Nogueira**, diretor-geral e professor do Instituto Fernando Capez

Trataremos, pois de discutir a atuação situação da educação e a influência da chamada revolução informacional, seus benefícios e malefícios trazidos com o surgimento da internet no século passado.

É indiscutível que o maior avanço em relação à tecnologia informacional, veio no século passado com a proliferação da Rede Mundial de Computadores – a Internet. O mundo virtual já conta com milhões de pessoas conectadas em toda parte do planeta. O computador hoje é usado por todas as classes sociais, pelos setores públicos ou privados. A informática já está presente em quase toda a nossa vida e no Ambiente Educacional não seria diferente.

Os benefícios trazidos com essa espetacular ferramenta são uma realidade mundial, mas, juntamente com toda essa inovação tecnológica, surgiram novos desafios e novos paradigmas a serem superados por alunos e educadores. Observa-se que o uso da Internet cresce de uma maneira assustadora e incoercível.

### **As principais inovações em matéria de educação ligadas à Internet**

**1. Para o aluno:** a) cursos de atualização a distância; b) cursos de graduação e pós-graduação a distância; c) chat's e salas de bate-papo sobre temas relevantes concernentes a seus estudos e pesquisas; d) receber por e-mail tarefas e matérias dadas em sala de aula via computador; e) maior interação com os educadores; f) acessar uma biblioteca de qualquer lugar do mundo, dentre tantos outros benefícios.

**2. Para os educadores:** a) possibilidade de estar se atualizando com cursos de extensão, aperfeiçoamento e pós graduação semipresencial; b) maior interação com alunos; c) acesso às principais fontes de informações rapidamente, colhendo dados para suas aulas, pesquisas e banco de dados; d) e, um fator determinante, que é ganho de tempo para poder estar preparado para seu trabalho árduo e sua "obrigação" de estar sempre atualizado.

### **Malefícios para os educadores, alunos e a sociedade em geral**

Alunos passam horas em salas de bate-papo e "chat's" com conversas improdutivas, ficam horas nas chamadas "lan-houses" em sites de relacionamentos. Usam a internet para a apologia a crimes, difamação e perseguição a professores e colegas de sala. Estamos perdendo a privacidade com tudo isso etc.

Somos sabedores que existem riscos em todos os setores da nossa sociedade e o trabalho de prevenção, conscientização e orientação são fatores determinantes para minimizarmos toda essa problemática incontrolável. Se medidas forem tomadas neste sentido, poderemos todos nos beneficiar de toda tecnologia e informação que a Internet pode nos proporcionar.

# As múltiplas linguagens da criança e a formação da identidade na educação infantil

## *Processos de socialização, linguagens artísticas e formação da identidade na criança*

*Alice Fátima Martins, coordenadora do mestrado em Cultura Visual (FAV/UFG), doutora em Sociologia (UnB), mestre em Educação (UnB) e arte-educadora.*

O propósito deste trabalho é estabelecer relações entre o processo de socialização, o papel das linguagens artísticas nesse processo e a questão da formação da identidade, ou identidades, na criança, em particular na primeira infância.

Correntemente, relacionamos a palavra *socialização* às idéias de compartilhamento, coletividade, a procedimentos por meio dos quais tornamos comuns idéias, coisas, conquistas. Nessa direção, com freqüência usamos a expressão – “*Vamos socializar essa informação...*”, pensando em estender algum dado que julgamos relevantes a um número maior de pessoas.

É necessário que ampliemos nossa compreensão a esse respeito. Para tanto, como ponto de partida, vale lembrar que o recém-nascido ingressa na teia das relações humanas, seus códigos, suas atribuições de sentidos, suas regras, seus conflitos, deles nada sabendo. É a partir do seu nascimento que a dimensão cultural e social de sua existência começa a ser construída. Assim, a noção de indivíduo e de sujeito social que começa a ser configurada tem como ponto de partida as interações da criança com o meio social que a abriga.

O mundo da criança é habitado por outras pessoas com quem ela interage desde o seu nascimento, de modo que as relações com esses indivíduos mais próximos, os primeiros “*outros*” com quem tem de “*negociar*” suas necessidades e desejos, constituem a referência primeira de suas experiências. É a partir dessas relações que a criança começa a construir a compreensão de quem ela seja. Os padrões oferecidos por essas experiências são internalizados do ponto de vista de sua subjetividade, da memória psíquica. Mas, além disso, penetram, também, o próprio organismo, regulando-lhe as funções.

Nas relações que estabelece com outros indivíduos, no primeiro ambiente que a acolhe, a criança defronta-se com um microcosmo sócio-ambiental bem específico. Aos poucos, em diferentes etapas, ela amplia as fronteiras desse microcosmo, descobrindo que seu pequeno universo integra círculos sociais de proporções cada vez maiores e mais complexas, na direção dos quais ela se movimenta, conquistando, gradativamente, maior autonomia. E também, de modo contínuo e dinâmico, reformulando sua própria percepção de si e do mundo. E se localizando, a cada etapa, de modo mais complexo nesse mundo.

## ***As múltiplas linguagens e a construção da identidade***

***Maria Alice de Rezende Proença***, doutoranda em Educação e Currículo pela PUCSP, mestre em Didática e Prática de Ensino pela FEUSP, historiadora, vídeo-conferencista da Educação Infantil do PEC

É fundamental estabelecer relações entre o fazer da criança e as produções artísticas e literárias, a criação de vínculos com determinados autores e artistas, tendo sempre em mente o desafio de oferecer instrumentos à criança para “ler” o mundo das artes e com ele poder interagir.

Este texto busca estabelecer uma relação entre as múltiplas linguagens que a criança usa para se expressar e para se comunicar com o mundo em uma tentativa de compreendê-lo: a brincadeira, o movimento corporal, a arte e a literatura, além do papel da escola como promotora dessas atividades, através da formação de seus educadores.

Segundo Seppi (2000:17), “o brincar a cada dia perde seu espaço na vida das crianças nas grandes metrópoles, criando uma lacuna no desenvolvimento da personalidade infantil e o esvaziamento da formação da identidade cultural, provocando um fenômeno visto como uma desintegração cultural, da mesma forma que isso torna o resgate do brincar um desafio para uma educação que se preocupa com a formação integral do cidadão”.

Cabe à escola proporcionar esse espaço em todos os sentidos, pois o brincar é uma atividade fundamental na Educação Infantil. É necessário repensar o uso do espaço, do tempo e das rotinas para proporcionar aos alunos a oportunidade de experimentar diferentes modalidades de brincadeiras corporais e simbólicas, relacionando-as à arte, à literatura e à música, uma vez que a aprendizagem processa-se como um movimento único e indissociável entre as áreas do conhecimento, mediada pelo corpo da criança.

Nos tempos pós-modernos, tanto a criança quanto o educador estão inseridos em um contexto no qual lidam com uma estimulação externa excessiva, que provoca uma total desatenção ao próprio corpo, aos sentimentos, aos desejos, às percepções e aos limites.

Trindade (2003) destaca a importância da criação do vínculo entre o corpo e o movimento, aliado à atribuição de sentido aos gestos, potencializando a capacidade de expressão do ser humano. O autor afirma que, segundo Lowen, o corpo fala, exprime e canaliza emoções.

Baseando-me nas palavras de Wajskop (1995), que considera a brincadeira infantil numa perspectiva sócio-histórica e antropológica, a base genética do brincar e da arte são similares, pois ambas são atividades sociais e humanas, que supõem contextos sócio-culturais, através dos quais a criança recria a realidade com sistemas simbólicos próprios: “não-brincar é a não fruição da imaginação poética, das ricas fantasias significativas da vida” (Seppi, 2000: 21).

# Os desafios para construir uma escola de educação infantil de qualidade

*Gisela Wajskop, doutora em Metodologia de Ensino e Educação Comparada, socióloga e mestre em Educação*

*O presente artigo visa, por meio de uma análise retrospectiva dos avanços da educação infantil no Brasil, propor parâmetros para uma reflexão relativa aos desafios para a construção de uma rede social educativa de qualidade.*

As últimas duas décadas foram particularmente profícuas e significativas para a educação inicial no Brasil, especialmente para as camadas mais desfavorecidas da população. Em nosso país, o atendimento à infância tem uma história de cento e cinquenta anos, cujos responsáveis nem sempre foram o poder público. Essa história é marcada por atendimento filantrópico e assistencialista, no âmbito das creches (0 a 3 anos), e por tendências escolarizantes, antecipatórias e compensatórias às 1<sup>as</sup> séries do ensino fundamental, no âmbito da pré-escola (4 a 6 anos). Seu crescimento, no entanto, deu-se principalmente a partir dos anos 70 do século XX, influenciado pelas lutas populares e movimentos sociais pela melhoria da qualidade de vida da população e apoiados pelas pesquisas científicas nascentes no âmbito da psicologia, sociologia e pedagogia acompanhada pelas eleições democráticas presidenciais ocorridas em 1994. Muitas creches e pré-escolas passaram a desenvolver trabalhos de qualidade e referência para o país nesse período.

A partir desse período, a construção de uma escola de educação infantil de qualidade tem se deparado com um amplo espectro de desafios a superar, a saber: 1. a dimensão da democratização do acesso e permanência, que possibilitaria o direito a uma educação precoce de qualidade para amplas camadas da população; 2. a destinação de recursos financeiros específicos para o nível; 3. a unificação educacional do atendimento – migração dos atendimentos da assistência para a educação; 4. o estabelecimento de critérios de qualidade no que se refere aos espaços, tempos, currículo oferecido e formação docente; 5. a antecipação da escolaridade aos seis anos, com a ampliação do ensino fundamental de oito para nove anos. 6. a universalização de condutas educacionais que respeitem as diversas formas de maternagem e educação, presentes nas diferentes comunidades e setores sociais.

Nessa perspectiva, a questão da qualidade do atendimento indica para algumas questões relativas não apenas aos desafios associados às políticas públicas de ampliação de vagas e de criação de estratégias de formação docente, como aponta para desejos manifestos nos ambientes acadêmicos, profissionais e familiares, com relação à construção de novas instituições e modalidades de atendimento que respondam pelas novas conformações familiares e pelas crianças das sociedades pós-modernas.

# Inclusão: ferramentas, condições de trabalho, avaliação, registro

## *Tecendo laços com a vida*

*Maria Inez Della Vecchia Giannelli, pedagoga,  
doutora em Psicanálise e Educação pela  
Universidade de São Paulo (USP)*

No ano de 1999, como coordenadora de um curso de Pedagogia de uma faculdade de São Paulo, propus um projeto de intervenção escolar na área de saúde, com o objetivo de atender a demanda de crianças e jovens gravemente enfermos que estavam fora do circuito escolar, e ao mesmo tempo inovar os estágios dos alunos da Pedagogia. Entrei em contacto com a Associação Pró-Hope, que inaugurara uma unidade de apoio para pacientes com câncer, que não estando mais em internação hospitalar, precisavam permanecer na cidade para os tratamentos necessários. Vivenciamos várias versões até chegarmos ao formato atual, uma sala/escola, em dois turnos, com presença flexível para os alunos, multisseriação (infantil e fundamental I) e articulação imprevisibilidade/não improvisação..

A pedagogia de projetos foi o que melhor atendeu às nossas necessidades. Aplicamos o conceito de transferência da psicanálise lacaniana, na construção de laços com o objeto do conhecimento e com o Outro, e utilizamos os princípios construtivistas-interacionistas. O atendimento é individual, com inserção grupal, por meio de projeto articulador, que envolve a sala e os acompanhantes dos alunos.

Como resultados pudemos perceber a inserção dos alunos no circuito escolar e na rede regular de ensino sempre em série mais avançada; resgate da identificação pela aposta na vida e autonomização do sujeito, decorrente da responsabilização e implicação do mesmo em sua aprendizagem; fortalecimento das relações com o acompanhante e hóspedes da casa; formação de laço com a vida saindo do circuito pulsional de morte; aderência aos tratamentos; formação de laços com o conhecimento e o outro; aposta na vida e no futuro.

Percebemos um arranjo novo na relação ensino aprendizagem com a priorização da diferença enquanto elemento articulador. Aos conceitos de escuta, nome do pai, laço agregam-se os de palavra verdadeira/oca (Freire) e plena/vazia (Lacan) Palavras de implicação e criação, para a educação que é sempre da ordem do imprevisível, onde não improvisar é escutar o sujeito que aprende, para não calarmos nossa angústia propondo o que julgamos importante ou necessário. Suportar a angústia para escutar a palavra do outro é o que pensamos para a educação de nossos dias.

## ***Inclusão: ferramentas, condições de trabalho, avaliação e registro***

***Rosana Maria do Nascimento***, pedagoga, psicopedagoga na Apae-SP, psicomotricista no Nati e membro da ARTS/Síndrome Rubinstein Taybi

Uma abordagem inclusiva requer uma mudança interna, o que chamamos de “mudança de olhar”, o modo como vemos o aluno e a maneira que vamos ultrapassar todas as dificuldades. Para que esta mudança aconteça devemos organizar, adaptar novas estratégias, instrumentos e novos recursos na escola.

Um programa inclusivo implica em serviços organizados com base numa abordagem de apoio colaborativo que substituam o modelo educacional tradicional e ferramentas que possibilitem o desenvolvimento do educando. O professor deve crer que os alunos com necessidades especiais devem pertencer à educação regular e confiar que serão capazes de aprender nesta situação. Atualmente estamos necessitando de mudanças em nosso ensino que só nos trás incertezas. Buscamos uma coerência e uma fusão entre mudança e competência para um trabalho eficaz.

Para um trabalho educacional inclusivo se faz necessário ressaltar algumas ferramentas importantes para que o aluno com necessidades especiais tenha as mesmas oportunidades de poder participar de modo significativo das atividades em classe. É importante ressaltar que o aluno inserido no processo de inclusão é de toda escola, sendo fundamental que todos os funcionários estejam envolvidos no processo de aprendizagem e socialização deste aluno.

Dentro das práticas de sala de aula numa escola inclusiva, devemos destacar a importância do currículo, do projeto político pedagógico, das adaptações curriculares, avaliações e registros das evoluções do aprendiz.

É necessário dar ao currículo um enfoque inclusivo, comum a todos os alunos, pressupondo as adaptações necessárias. Priorizando os objetivos e conteúdos essenciais e selecionando um método acessível aos alunos e adaptando o tempo previsto nos procedimentos didáticos e nas atividades.

Alterar se necessário as formas, instrumentos, técnicas, critérios, linguagem ou tempo e oferecer outras oportunidades de promoção.

Nos programas e escolas inclusivas a avaliação deve ser realizada com a finalidade de criar um programa de atividades para todos.

O projeto político pedagógico requer reflexão, organização de ações e a participação de todos, funcionários, pais e alunos, num processo coletivo de construção.

Se faz necessário dentro de um processo inclusivo priorizar recursos e estratégias para uma boa prática pedagógica, visando o desenvolvimento diário do trabalho do professor e do aluno com deficiência intelectual.

# A escola está namorando: sexualidade também se aprende na escola?

*Ana Cristina Canosa, psicóloga,  
especialista em Educação e terapia sexual*

Se a escola é o local de maior convívio grupal de crianças e jovens, é mais do que normal que os namorados surjam deste contato. Que tal aproveitar seus questionamentos e levar a discussão sobre o namoro na escola para dentro da própria escola? Antigamente nós tínhamos regras bem delimitadas sobre o comportamento sexual: crianças e jovens não podiam demonstrar nenhum tipo de aproximação corporal com o outro, sob o risco de severas sanções. Por muito tempo a escola tem sido o espaço da não sexualidade. Como ela não namora, também tem dificuldades de permitir que os namorados expressem seu afeto. Na medida em que somente reprimimos a sexualidade, o conflito entre desejo e culpa pode sedimentar o caráter “marginal” do sexo. Geralmente os adultos enxergam os adolescentes com preconceito, como se eles fossem sempre rebeldes, incoerentes e promíscuos, e não é assim.

Sabemos que as escolas que procuram ouvi-los e juntamente com eles estabelecer contratos de convivência, têm obtido resultados surpreendentes no que se refere ao direito da expressão do afeto e o dever ao respeito na convivência em comum. Também, escolas que têm assumido sua responsabilidade em incluir a orientação sexual como um dos temas transversais, segundo recomendação do MEC, têm vencido constrangimentos, dúvidas e medos. Sabemos que o grande problema está na falta de formação profissional dos educadores para lidar com a sexualidade dos alunos, mas já existem cursos de especialização em educação sexual com esta finalidade.

É preciso convidar professores, pais e jovens para discutir o assunto, propondo projetos de orientação sexual; afinal sexualidade também é aprendizagem.

É importante que a sexualidade seja desmistificada e as instituições de ensino possam ajudar adolescentes, pais e profissionais a questionarem os elementos que impulsionam o jovem a buscar parceria amorosa e muitas vezes descuidar do uso de métodos contraceptivos já bastante conhecidos por eles. Para tanto, os programas de orientação sexual devem objetivar não só um reforço no conhecimento dos conceitos em sexualidade, mas também nas reflexões necessárias para que uma pessoa possa fazer melhores escolhas em sua vida, com maior autonomia, reduzindo assim sua vulnerabilidade social.

Acreditamos que os jovens são aqueles que mais conseguem multiplicar conceitos, idéias e valores em sexualidade para outros de sua mesma faixa etária. Portanto os Programas de Orientação Sexual na escola devem envolvê-los, transformando-os em agentes multiplicadores de um “saber sexual” e protagonistas de sua história amorosa.

A Escola que namora é muito mais bonita, alegre e humana!

# Gestão e organização da escola numa perspectiva social

*Joselina Maria Villares Ferreira Bastos,  
diretora da Emei Marcílio Dias, com formação  
acadêmica em Ciências Sociais, História e Pedagogia*

Refletir sobre a Gestão e Organização da Escola numa Perspectiva Social exige conhecer a realidade da sociedade em que vivemos e responder para quem e para que organizamos a escola

A escola pública é um conjunto de relações complexas porque vivem dentro dela os diversos mundos da nossa sociedade. A escola pública, gratuita, laica e estatal, se constitui num universo abrangente, construído na (a) diversidade econômica, social, política, religiosa, cultural e étnica. Reproduz no seu interior os conflitos da nossa sociedade capitalista, elitista, desigual, injusta, desumana, violenta, consumista e preconceituosa. E por ser um organismo estatal reproduz também a história autoritária, burocrática e clientelística do Estado brasileiro.

Será que estamos fadados a dirigir a escola como meros reprodutores desta sociedade violenta, autoritária, organizada pelo deus mercado? Com certeza não. Mas não podemos ter ilusões, se contrapor a tudo isto exige esforço, habilidade e ter muito claro para que e para quem organizamos a escola e como conseguiremos atingir nossos objetivos.

No Brasil, onde a democracia está muito longe de ser o princípio organizativo da nossa sociedade, podemos organizar a escola como uma “ilha de confiança” para crianças e adolescentes, uma referência saudável, permitindo-lhes enfrentar os problemas da sua condição familiar e social.

“No mundo agressivo onde vivemos, é preciso que a criança possa experimentar “ ilhas de confiança”, ocupar lugares nos quais tenha certeza de que será bem tratada, encontrar pessoas coerentes e leais.” (2)

Neste congresso, minha contribuição não é apresentar soluções prontas, porque não existem. O meu objetivo é refletirmos juntos sobre as políticas públicas, as nossas dificuldades em organizar a escola numa perspectiva social e nossa busca de caminhos:

- para uma escola que eduque para a liberdade e não para o controle;
- para a amizade e não para a violência;
- para a igualdade social e não para a discriminação social;
- para o diálogo e não para a imposição;
- para a criatividade e não para a repetição;
- para a tolerância com as diferenças e não para a uniformização autoritária;
- para a conquista do conhecimento como descoberta e não como transmissão;
- para um ambiente alegre e acolhedor e não burocrático e indiferente;
- para que o respeito à criança e ao adolescente não seja um dever, mas uma forma de ser, amar e educar.

1 - Haddad, Lenira – “A cultura da não-violência na pedagogia dos países escandinavos” in Pátio-Revista Pedagógica, ano VI, nº 11 - 2006;

2 - La Taille, Yves de – A Violência e o Despertar do Senso Moral in Pátio-Revista Pedagógica, ano VI, nº 11 - 2006.

## ***Transformando escolas públicas em centros estratégicos de desenvolvimento sustentável na comunidade: o papel dos gestores enquanto lideranças educacionais***

***Madza Ednir***, diretora aposentada da rede municipal de ensino de São Paulo, mestre em Educação e Comunicação pela PUC-SP, coordenadora pedagógica do Cecip-RJ, organizadora do livro *“Mestres da Mudança - Liderar Escolas com a cabeça e o coração”* (Artmed, 2006)

Um dos grandes desafios de nosso país nesse início de século é ajudar as escolas de educação básica a realizarem o seu potencial enquanto agentes de mudanças e transformações sociais, rumo à realização dos 8 Objetivos do Milênio, com a maioria dos países do mundo está pelo menos formalmente comprometida. Cerca de dois terços da população brasileira está ligada à rede pública de ensino, seja como alunos (56 milhões), familiares de alunos, docentes e demais trabalhadores da Educação.

As escolas têm uma capilaridade só comparável à das igrejas, e alcançam territórios onde outros serviços públicos chegam apenas precariamente - ou não chegam. Quando aqueles que atuam no espaço escolar experimentam pensar e agir de forma sistêmica, articulando-se com agentes sociais em todos os demais espaços da cidade, esta começa a transformar-se em uma cidade educativa, onde a “fome de direitos” dos brasileiros e brasileiras poderá ser saciada, e onde, finalmente, tornar-se-á realidade o artigo 6 da Constituição Federal: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, a segurança, a previdência social, à maternidade e à infância, à assistência aos desamparados, na forma dessa constituição”. Esse artigo discutirá a partir de exemplos retirados da prática do Cecip, o papel dos gestores das escolas enquanto *Life-Long-Learners* (aprendizes por toda a vida), facilitadores de mudanças educacionais e líderes, nas unidades de ensino, do processo de transformação das escolas em centros estratégicos de desenvolvimento comunitário sustentável, criando propósitos comuns e fortalecendo uma cultura que estimula o diálogo profissional, a constante reflexão sobre a prática, e a parceria com a comunidade.

**DIA 19/10 - 8H30 ÀS 12H30**

## **Coordenação pedagógica: desafios de novas funções e ações**

### ***O coordenador pedagógico e a questão da (in)disciplina junto aos professores***

**Lizette Geny Rando**, pedagoga formada pela USP,  
pós-graduada em Psicopedagogia pela PUC,  
Administração na Uniban e Filosofia para Crianças  
no Centro Brasileiro de Filosofia para Crianças

Temos um coordenador pedagógico preocupado com os projetos escolares, com as diversas áreas de conhecimento, ou seja, com a parte pedagógica, mas e a questão da (in)disciplina?

Como auxiliar o professor que:

- não consegue resolver os problemas de comportamento na sala de aula;
- passa muito tempo tentando manter a ordem com prejuízo da aula em si;
- leva o aluno para o coordenador pedagógico porque o problema da (in)disciplina de determinado aluno fugiu ao seu controle?

Muitas vezes o coordenador pedagógico atribui o “mau comportamento” dos alunos à postura do professor frente aos mesmos

Por outro lado, o que o professor espera do coordenador pedagógico quando manda um aluno para conversar com ele? O professor sente-se “largado” quando manda o aluno “para baixo” para conversar, pois o aluno volta para a sala de aula do mesmo jeito ou se muda a postura é por um pequeno tempo.

O tema é extremamente complexo, pois há vários fatores envolvidos, tais como: aspectos sociais, econômicos, políticos, históricos e culturais.

Cabe ao coordenador pedagógico levar os professores a refletirem sobre o assunto começando pela definição do que é (in)disciplina e ter em mente outras questões que são:

- como as regras de comportamento vigentes na escola são construídas?
- como se dá o trabalho do professor com seus alunos em relação à disciplina?
- em que medida as práticas educativas desenvolvidas na sala de aula configuram alunos e professores em sua relação com a (in)disciplina?
- qual a postura que a escola deve adotar?
- que ações efetivas podem ajudar?
- quanto tempo é necessário para uma mudança de postura por parte dos alunos?

São estes e outros aspectos que estarei abordando no Congresso para que aja uma reflexão por parte dos educadores de que a questão da (in)disciplina é um tema que deve ser pensado por toda a escola para que possam ter uma melhora por parte dos alunos.

## **Coordenação pedagógica: desafios das novas funções e ações**

*Suzana Mesquita Moreira, pedagoga, professora,  
assistente sócia e coordenadora pedagógica*

Este texto abordará a perspectiva de trabalho do Coordenador Pedagógico frente aos desafios e à complexidade da educação.

Desde o seu surgimento e guardando as devidas proporções colocadas pelos momentos históricos, a educação tem colocado desafios a todos os educadores. No estágio atual do desenvolvimento das sociedades, em especial da brasileira, um dos grandes desafios colocados é contribuir para a diminuição das desigualdades. Nesse sentido os espaços da escola e o discurso pedagógico têm sido permeados por questões como: trabalho com a diversidade; inclusão; formação para cidadania, entre outros.

A formação inicial não consegue preparar os professores para atuar em contextos tão diversos. Mais do que nunca se faz necessário, um espaço de formação que leve em consideração o local de trabalho, espaço único de emergência desses desafios. É nesse sentido que nos últimos tempos tem se ressaltado o papel do coordenador pedagógico como formador de professores.

O trabalho docente vai ao longo da história se constituindo enquanto profissão com necessidades próprias. Os saberes necessários ao ato docente não são os mesmos que há um século. Se no passado, esperava-se do candidato a professor alguns requisitos gerais como "ser paciente", por exemplo, na contemporaneidade alguns rudimentos dos diferentes saberes envolvidos não dão conta de mais.

Alguns autores têm proposto a seguinte tipologia de saberes necessários ao trabalho docente:

### **Os saberes teóricos, da ordem do declarativo, entre o quais:**

- os saberes a serem ensinados : o que compreende o domínio da (s) disciplina (s) ;
- os saberes para ensinar:incluindo os pedagógicos sobre a gestão da sala de aula, os didáticos referentes às diferentes disciplinas.

### **Os saberes práticos: vindos das experiências cotidianas da profissão. Podem ser:**

- saberes sobre a prática , isto é, saberes procedimentais sobre "como fazer"ou formalizados;
- saberes da prática: aqueles oriundos da prática, produto da ação de êxito, da práxis- que são saberes muitas vezes implícitos.

Como toda profissão, o trabalho do coordenador pedagógico tem rotinas, que muitas vezes são carregadas de atividades muito distantes do colocado acima.

É freqüente os profissionais ficarem presos às atividades mais gerenciais do cotidiano do que àquelas formativas. Não se trata aqui, se dar respostas a essas questões, pois uma vez convencidos desse trabalho estratégico de formador de professores é necessário buscar em cada unidade escolar formas de equalizar as demandas de gerenciamentos com as demandas formativas.

Por fim, entendemos que apesar das dificuldades é um caminho possível.

# O desafio para formar indivíduos críticos e criativos

*Maria das Mercês F. Sampaio, professora colaboradora do programa de pós-graduação em Educação (EHPS) da PUC-SP*

O texto apresenta uma reflexão sobre o significado dessa formação, sobre o esvaziamento dessa chamada consensual quando a escola não se detém para pensar na sua responsabilidade cultural, sobre as dificuldades e caminhos para se atuar nessa direção.

Ao discutir a formação do indivíduo crítico e criativo, do que se está falando de fato?

Inicialmente, é indiscutível que se trata de uma chamada forte, em torno da qual há grande concordância entre os educadores. Pesquisa recente da UNESCO, que atingiu 5000 professores brasileiros, de escolas públicas e privadas das 27 Unidades da Federação, levantou que nas opções da grande maioria, entre as finalidades a serem alcançadas pela educação, desenvolver a criatividade e o senso crítico é apontada em segundo lugar, seguindo a indicação de formar cidadãos conscientes. Curiosamente, o que se refere ao conhecimento é considerado como bem menos importante. Como tem sido entendida a formação do pensamento crítico?

Todos nós sabemos o quanto a retórica educacional é ampla e difusa em pretensões quanto à formação e às aprendizagens escolares, enquanto a prática é muito mais limitada e estreita no que tange às reais possibilidades educativas da escola, reduzindo-se, no mais das vezes, ao ensino de certos conteúdos informativos. Ou, ainda, como se observa nas pesquisas recentes, com foco especial nas escolas públicas, a prática vem mostrando a gradual rejeição dos conteúdos culturais consagrados na tradição, seja em nome de uma educação menos acadêmica e de um projeto formativo, seja por pura desistência de ensinar, face às dificuldades que cercam o atendimento aos alunos.

No entanto, se o trabalho mais específico dessa instituição se desenvolve em torno da transmissão cultural, o simples abandono dos conteúdos tradicionais não sustenta um projeto escolar de formação. Ou seja, a instrução é a base do projeto formativo da escola, apesar de todas as dificuldades, contradições e riscos que a instrução comporta. Penso que ainda tem lugar a afirmação de Gramsci (1979) sobre a instrução que é também educação, ou seja, a instrução que torna o indivíduo, tanto quanto possível, contemporâneo de sua própria época. Não se trata de defender a instrução no sentido mais tradicional, que se assenta num processo de mera transmissão, mas de uma instrução sólida, calcada num processo de questionamento, de reflexão, para que se possa compreender e interferir na complexidade da realidade social.

# O desafio da educação na escola

## *Comunicação assertiva e gerenciamento de relações no contexto educacional*

*Samuel Borges, professor e teólogo com especialização em Psicologia da Comunicação*

*“Sessenta por cento de todos os problemas administrativos resultam de ineficiência na comunicação.”*

*(Peter Drucker)*

Não adianta saber **o que** dizer se você não sabe **como** dizer.

Educadores sabem o que dizer e nem por isso a resposta dos ouvintes têm sido positiva.

Precisamos entender que quando a comunicação falha, ela falha no todo e não apenas no ato de educar.

Sendo assim, vamos repensar a nossa forma de fazer comunicação, vamos refletir sobre nossa assertividade no papel de educadores.

Vamos redescobrir a comunicação não só como uma ferramenta de gestão de informações, mas também como uma poderosa ferramenta de gestão de relacionamentos.

Se o afeto é a mola propulsora da cognição, como diz Piaget, a gestão de relacionamentos passa a ser então uma ferramenta de inestimável valor para todos os educadores.



## Alfabetização como prática socializadora

*Martha Sirlene da Silva, professora Ms da Unib, Fati e membro do Geal/Feusp*

Este texto relata a compreensão do porque do fracasso da escola em alfabetizar e possibilitar a execução efetiva das práticas sociais de leitura e escrita.

Para definirmos a escrita como prática socializante, faz-se necessário repensá-la enquanto objeto de conhecimento e, portanto uma construção sócio-histórica-cultural.

Analisando os dados das investigações, sobre as práticas relacionadas à alfabetização, constatamos que, embora muitas pesquisas venham sendo desenvolvidas tendo como tema a alfabetização e o fracasso escolar, muito ainda tem que ser feito, pois os altos índices de evasão e repetência persistem, penalizando a criança pobre e reforçando a exclusão e a marginalização social.

A pesquisa do Censo 2000 evidencia que, apesar da redução da taxa de analfabetismo, o Brasil ainda apresenta índices muito mais elevados que outros países da América do Sul (13,63%), sendo que a população analfabeta com mais de quinze anos na Argentina, representa uma taxa de 3%, no Chile a taxa é de 4%, na Venezuela, 7% e na Colômbia, 8%.

Esse quadro rapidamente desenhado evidencia que, apesar de ter ocorrido uma ampliação da rede pública,

com a extensão das oportunidades escolares às crianças das classes populares, não ocorreram transformações significativas no sentido da inclusão da maioria da população brasileira.

No entrecruzamento dessas considerações sociais, é que se encontram algumas pistas para determinadas escolhas, opiniões e práticas pedagógicas de professoras.

A análise sobre como a escrita existe fora da escola permite um novo olhar sobre as práticas escolares da alfabetização no âmbito escolar e, em conseqüência, sobre o leitor e escritor competente que se quer formar. Formar leitores e escritores usuários autônomos e competentes é educar para o mundo da escrita e ultrapassar os muros da escola.

A alfabetização, embora sendo um processo de codificação e decodificação, é algo muito mais amplo, pois, implica em dar voz aos alunos, ferramentas para a libertação, conscientização e emancipação de suas histórias. Aprender a ler é aprender a dizer a palavra entendida como ação (Freire, 1987), que promove a práxis e transforma o mundo.

Nesta perspectiva, a escola ter como princípio alfabetizar através de práticas sociais de leitura é trazer para sala de aula a cultura letrada que circula na sociedade e possibilitar ao aluno a participação efetiva no funcionamento do seu grupo e no exercício de sua cidadania.

## ***Alfabetização como prática socializadora***

***Maria de Lourdes Valino, psicóloga,  
pedagoga, mestre em Educação***

Freqüentar escola e aprender a ler e a escrever são conquistas importantes, são práticas socializadoras que transformam a identidade das pessoas.

Historicamente, o Brasil vem “produzindo” jovens e adultos analfabetos há séculos e as tentativas para erradicar o analfabetismo são tão antigas quanto a história da sua produção (MEC/Inep, 2005). As inúmeras propostas de alfabetização, em forma de Campanhas ou Movimentos, têm enfatizado a aprendizagem da leitura e da escrita como superação de um “mal”. Algumas destas propostas “deixaram parcelas de contribuições relevantes, mas muitas foram marcadas pela seletividade, exclusão social, dominação e imposição cultural” (Paini, *et al*, 2005). O objetivo principal da maioria destas propostas de alfabetização sempre foi o de instrumentalizar o analfabeto para transformá-lo em um eleitor. Em virtude disso, jamais alcançaram a tão desejada “alfabetização do povo”.

Historicamente, a instituição escolar tem produzido novos analfabetos através do processo de exclusão. O acesso à escola foi, progressivamente, tornando-se democrático, estando já, quase universalizado não significa população alfabetizada.

Em pesquisa recente, Valino (2006) estudou as transformações que ocorrem na identidade de jovens e adultos analfabetos, quando ingressam na escola. Os dados coletados permitem relatar sobre a importância da escola e da aprendizagem da língua escrita na vida destas pessoas, configurando-se, ambas, em situações socializadoras.

Ao iniciarem a escolaridade, alguns retornando à escola depois de uma história de grandes dificuldades, outros começando pela primeira vez, trazem uma identidade marcada pela desvalorização social, pelo estigma de ser analfabeto; . Antes de começarem a aprender a ler e a escrever estes alunos já iniciam o processo de transformação de suas identidades.

A primeira situação socializadora se presentifica no papel de estudante, na superação de resistências e na percepção de sucessos.

A segunda situação socializadora centra-se na conquista da capacidade de utilização da língua escrita.

“A aprendizagem da língua escrita insere o usuário num rol de participação em atos de letramento que pressupõem ampliação do campo cultural. Alfabetizar-se é importante, mas não basta. Faz-se necessário que a continuidade desse processo garanta cada vez mais a participação na sociedade letrada e, mais que isso, estimule a efetiva inserção social, ampliando os atos de cidadania. A alfabetização sozinha não muda as condições de vida, o que favorece a mudança é o envolvimento nos movimentos e práticas sociais, e isto vem com a visão crítica sobre suas possibilidades” (Valino, 2006, p. 209).



## O que aconteceria se ensinássemos Filosofia nas escolas?

*Elydio dos Santos Neto, docente e pesquisador do Mestrado em Educação da Universidade Metodista de São Paulo*

Esta exposição tem início com a contextualização do momento presente e sua implicação para a educação escolar. A partir daí empenha-se em mostrar a importância da presença da Filosofia e da *postura filosófica* nas escolas, da educação infantil ao ensino superior.

Para muitos estudiosos e observadores das comunidades humanas vivemos um momento especial de mudanças e transformações que se caracteriza como uma verdadeira crise planetária (Morin). As transformações estão presentes em todos os segmentos da cultura humana e têm grandes repercussões sobre a educação escolar.

De fato, vivemos na escola hoje, também no Brasil, um momento em que se misturam concepções e práticas tradicionais, reprodutivistas com concepções e práticas que se esforçam por superar uma concepção reducionista do sujeito humano e das práticas educativas. Nesta segunda direção é interessante pensar a escola como um espaço de formação humana, isto é, como um espaço/opportunidade para aprender, na convivência com os diferentes, a cuidar da complexidade individual e coletiva na perspectiva de um processo de humanização. Isto exige dos educadores bem mais do que apenas preparação intelectual. Embora esta seja fundamental por si só, é insuficiente para auxiliar a educar os amplos e variados aspectos da condição humana. A pergunta é então: em que a Filosofia pode auxiliar neste *novo* processo educativo? Como seres complexos somos também racionais, pensantes.

O exercício da reflexão crítica e filosófica é muito importante para o professor em sua tarefa de educar, e para o aluno em seu empenho de assimilar criticamente a cultura construída e também no esforço de constituir-se como sujeito capaz de autoria, autonomia e cidadania.

A reflexão crítica exige que se desvelem os fundamentos que dão sustentação ao objeto que está sendo estudado e que, conhecidos tais fundamentos, sejam analisadas as relações entre estes e os demais aspectos da realidade sobre os quais se tenha interesse. Ora, este exercício deve ser tanto do professor como do aluno. E deve ser permanente e rigoroso. Assim pensando é fundamental que tanto professores como alunos tenham presente que sustentando uma determinada visão de mundo e de sociedade sempre está uma *concepção antropológica*, ou um modo de compreender quem é o ser humano. Identificar, problematizar, criticar, perguntar sobre tal elaboração é um exercício importante para que vejam qual a visão de mundo que estão construindo e de que maneira ela interfere em suas relações com os outros e com a sociedade.

## ***O que aconteceria se ensinássemos Filosofia para as crianças?***

**Marcos Antônio Lorieri**, professor pesquisador do Mestrado em Educação da Uninove e autor de *"Filosofia: fundamentos e métodos"* (Cortez) e *"Filosofia na escola: o prazer da reflexão"* (Moderna)

O texto considera a necessidade de iniciação filosófica de crianças e jovens já a partir do Ensino Fundamental e indica conseqüências positivas de um trabalho educativo nesta direção.

A resposta à questão proposta no título dependerá de que Filosofia se estiver falando e da maneira de se trabalhar. Haveria grande perda de tempo e provocaria enfado se alguém resolvesse dizer às crianças o que os chamados "grandes filósofos" produziram. Não que saber das idéias dos grandes filósofos não seja algo interessante e importante: mas penso que na infância não é bem o momento de fazer tal apresentação. Até porque melhor que fazer apresentações das idéias dos grandes filósofos é ler seus escritos. E, para tanto, é necessária uma aprendizagem prévia que envolve certo amadurecimento intelectual.

Defendo que é possível e necessário fazer algo filosoficamente com crianças: denomino a este algo de iniciação filosófica de crianças ou de sensibilização delas para o trabalho do filosofar.

Entendo o filosofar como um trabalho: um trabalho da consciência que pensa e repensa, de maneira reflexiva, crítica, rigorosa, profunda e contextualizada questões fundamentais que dizem respeito ao sentido da existência humana, ao sentido da realidade tanto natural como social e a certas atividades que realizamos, como o pensar e o produzir significações e conhecimentos, o valorar ética e esteticamente; o sensibilizar-se e o manifestar a sensibilidade de algumas maneiras, por exemplo pela arte; o exercer poder e o conviver com ele, o trabalhar, o produzir linguagem, o produzir história etc.

Crianças necessitam fazer um tal trabalho? Sim: e

elas o fazem naturalmente quando se colocam questões relativas aos aspectos acima mencionados. E o fazem por serem seres humanos. Mas o fazem como iniciantes no processo de pensar que ainda não tem bem desenvolvidas as características apontadas da reflexividade, da criticidade, do rigor, da profundidade, da abrangência que procura dar conta das relações em que tudo está envolvido. Fazem este trabalho por necessidade humana: e, devido a esta necessidade, precisam aprender a fazê-lo da melhor maneira possível: daí a proposta de iniciá-las o mais cedo possível de tal maneira que aos poucos se tornem pessoas que fazem, cada vez melhor, reflexão crítica, rigorosa, profunda e abrangente sobre as questões fundamentais próprias da humanidade.

Se isto for feito, o que poderá acontecer?



## Quem cuida, educa? A prática educativa nas creches

*Sandra Papesky Sabbag, pedagoga,  
mestre e doutora em Psicologia da Educação*

Este texto traz considerações referentes às constantes implicações entre cuidar e educar na Educação e, particularmente, na educação de 0 a 3 anos, à luz de pressupostos sóciointeracionistas.

Se *cuidar* contempla *atenção, zelo, imaginação, pensamento* é possível afirmar que não há *educação* como *processo de desenvolvimento das capacidades físico, intelectual e moral, sem cuidado*. *Cuidar* pressupõe a intencionalidade e a organização que caracteriza toda ação educativa; do mesmo modo, *educar* pressupõe um planejamento, *fazer os preparativos* dessa ação.

Creio que a finalidade máxima da Educação como mediação social deva atingir esse fim último no processo de desenvolvimento das pessoas: a capacidade de se auto governar, de discernir e escolher por si mesmo, a capacidade de agir autonomamente num ambiente de relações recíprocas.

Na perspectiva sócio interacionista do desenvolvimento humano, esta capacidade autônoma de agir, pensar e cuidar de si é conhecida como *auto-regulação*. No entanto, a criança só aprende a se auto-regular graças à convivência com parceiros mais experientes que vão organizar uma rotina para a criança com momentos distintos para sua alimentação, brincadeira, sono, banho, escovação de dentes, tarefas escolares, programas de TV... Isso significa que a *auto-regulação pressupõe a regulação*.

Todas as situações de aprendizagem mencionadas no contexto da educação infantil de 0 a 3 anos devem ser *cuidadas* pelos educadores para que não falem na *educação* das crianças. E, para isso, é necessário planejá-las ciente de que cada *cuidado* implicará no *desenvolvimento integral* de cada criança e na sua *educação*.

Desse modo, ensina-se à criança uma rotina que integra conhecimentos diversos (pessoais, físicos, intelectuais, morais), a qual lhe servirá como referencial de organização a fim de que, pouco a pouco, ela mesma pres-

cinda da *fala social* do adulto lembrando-lhe, por exemplo, constantemente das regras de convivência e de cuidado consigo mesma. Quando isso ocorrer, é sinal de que a criança apropriou-se daquela rotina, uma organização inicialmente externa que agora passa a reger-lhe internamente (auto-regulação).

Em outras palavras, a criança aprendeu a cuidar de si e cada vez mais ela poderá experimentar caminhos para se auto-educar, descobrir jeitos de cuidar de seu desenvolvimento físico, intelectual e moral, de ampliar seus conhecimentos de toda ordem, e ser capaz de cuidar de outras pessoas também.

## ***A prática educativa nas creches***

***Célia Maria Boscolo, pedagoga,  
psicopedagoga e mestre em Educação***

As diversas áreas que pesquisam o desenvolvimento humano, sobretudo a psicologia genética, vêm demonstrando que a criança é competente, torna-se inteligente, define sua personalidade, constrói conhecimentos e aprende pela ação nas atividades que realiza por iniciativa própria ou na interpelação com os outros.

Cuidar e educar: por que essa insistência? Porque no Brasil a creche cuida e a pré-escola educa. Tratam-se de concepções equivocadas.

Duas concepções se declinam a partir dessa idéia. O assistencialismo e a escolarização.

A indissociabilidade entre cuidado e educação precisa permear todo o projeto pedagógico da creche/pré-escola. Os conteúdos educativos da proposta pedagógica, não são objetos abstratos de conhecimento, desvinculados de situações da vida, nem são elaborados pela criança pela via de transmissão oral, do ensino formal.

Para Vygotsky, antes existe a relação depois o "eu", primeiro o gesto de acolhimento depois o sentimento de segurança e confiança, antes a palavra depois o pensamento, primeiro a mediação e em seguida o novo patamar de entendimento e ação.

O processo de cuidado e de ensino-aprendizagem é muito mais efetivo e prazeroso quando há uma real sintonia entre quem cuida e quem é cuidado, entre quem ensina e quem aprende, em que o professor educador é capaz de perceber o momento da criança, de proporcionar condições que a acolham e motive, envolvendo-a e compartilhando com ela atividades variadas, as quais podem ter partido da iniciativa da criança ou do adulto.

Cuidar inclui educar a criança por meio de atividades parceiras da proteção e da integridade física. É preciso ter consciência de que o cuidar e o educar são indissociáveis. A criança não é um ser que deve ser preparado para ser adulto, mas um ser que deve e pode vivenciar a sua infância com suas peculiaridades e não conforme a modelagem do adulto.

O cuidar e o educar estão unidos pelas ações das crianças e dos educadores. O trabalho com bebês precisa ser encarado como ação efetiva de intervenção pedagógica impregnada de conhecimentos básicos que permitam ao educador estabelecer junto às crianças práticas educativas que colaborem com seu pleno desenvolvimento. Os

educadores precisam saber que essas ações contêm em si mesmas, aspectos do cuidado e da educação. Nas atividades cotidianas na creche, cuidar significa dar atenção às necessidades ligadas ao corpo da criança como higiene, sono e alimentação e que essas precisam ser complementadas com a afetividade. Os dados mostram que a associação entre cuidado com o corpo e a afetividade configura o que o campo acadêmico denomina indissociabilidade entre cuidar e educar.



## Entre o desenhar e o escrever: Para onde vai o potencial expressivo dos nossos jovens?

*Silvia M. Gasparian Colello, professora doutora  
da Faculdade de Educação da USP*

O presente artigo visa estudar as relações entre o escrever e o desenhar na infância, procurando evidenciar não só os possíveis papéis da imagem junto ao texto, como também, as tendências evolutivas dessa relação ao longo da trajetória escolar.

Professora, posso desenhar?

Ao pesquisar um grupo de 150 crianças de 6 a 12 anos da Escola de Aplicação da USP, me surpreendi com essa demanda, estranha sobretudo ante a solicitação de um trabalho escrito. Contudo, a constatação de que a metade das produções foi feita com desenhos, gerou indagações.

Ao descartar idéias como “as crianças desenhavam porque gostam”, ou “os desenhos são apenas recursos estéticos na elaboração de tarefas escritas”, ou ainda, “na fase escolar, desenho e escrita são modalidades independentes para as crianças”, pude aprofundar a compreensão das relações entre imagens e escritas nos trabalhos infantis.

Os “desenhos por si só” são produções puramente figurativas nas quais as imagens substituem a escrita na apresentação das idéias. Longe de se configurarem como manifestações primárias e carentes de abstração simbólica, os desenhos podem ser eficientes recursos comunicativos.

Os “desenhos associados à escrita” aparecem em produções escritas tanto para complementar a informação textual, como para contextualizar a situação referida no texto ou ainda para ilustrar o objeto do qual se faz referência.

Finalmente, os “desenhos paralelos” configuram-se como marcas independentes do conteúdo do texto. Suas funções extrapolam o plano estético para indicar as necessidades da criança de marcar sua identidade ou seus interesses.

Na análise das produções ao longo da trajetória escolar, é possível concluir que:

- 1 – quanto mais as crianças se desenvolvem na escrita, menos desenhavam;
- 2 – os desenhos tendem a aparecer em casos de difi-

culdades na escrita ou quando a tarefa solicitada apela para o imaginário o que não é uma tendência tipicamente escolar (em ambos os casos, justifica-se o predomínio deles em uma fase inicial e transitória);

3 – a ilustração aparece em 58% das produções desenhadas, marcando o predomínio da função reprodutiva do desenho. Trata-se de um recurso mais próximo dos modelos objetivos e estáticos de representação do objeto do que propriamente da beleza e complexidade lingüística. Por ironia, o desenvolvimento da escrita parece estar na contramão da emancipação expressiva conquistada pelas múltiplas possibilidades do dizer. Inclusive pela possibilidade de desenhar.

## ***Bagagens, alfândegas e passageiros***

*Miriam Celeste Martins, professora  
de Pós-graduação do Instituto de Arte da Unesp*

A percepção sensível e a imaginação criadora se aliam no jogo labiríntico da arte dos mundos do lado de dentro e do lado de fora. Nesse jogo esses processos se mesclam, se metamorfoseiam, se fundem, se inquietam, fogem, resistem, voam, sofrem, prazerosamente descobrem-se, criam,...

Olhar a arte, especialmente quando se tem a tarefa desafiadora de ensinar e aprender, é também perceber a alfândega interpretante – o ponto de passagem entre o dentro e fora – de crianças, jovens, adultos que conosco caminham no campo da arte, da cultura, da ciência. No cruzamento deste dois mundos, cada um desses aprendizes carrega suas bagagens, lotadas de repertórios pessoais, recolhidos dentro de determinado tempo, cultura, valores, de idéias e produções para a troca com os outros. Bagagens singulares!

Qual a alfândega de nosso aprendiz? Colada em sua pele amorosamente ou medrosamente? Viveu ou vive o caos criador ou o caos paralisante? Traz em sua bagagem regras rígidas para fazer dentro de normas, dadas por outros em outros tempos ou lugares, ou ousadia, mergulho, perder-se, reencontrar-se? Como desvelar o saber misturado com o que ainda não se sabe, com o que intui, imagina, deseja?

Qual é a alfândega de ensinante colada na pele da instituição, do educador, da família, da sociedade, do olhar do outro colado também em sua própria pele? Como a alfândega analisa o passaporte do passageiro para conhecer sua história, seus sonhos, suas expectativas, seus desafios? Reconhecendo a bagagem de cada aprendiz dentre muitas outras?

Há alfândegas desenhantes, intrigantes, que incentivam idéias a se experimentarem no papel, na argila, no tecido, no recorte, na escolha de ângulos da fotografia ou do vídeo, na experiência com as imagens feitas com scanner, no corpo, no gesto, em tudo o que for possível ou quase impossível.

Há alfândegas perigosas, que só aceitam o que já foi visto, o que se aproxima das suas próprias “fôrmas”, que acha “feio o que não é espelho”, que valorizam a cópia, a repetição, o igual, o já feito. Reproduzir e não re-apresentar, presentificar, recriando.

Como ensinantes, nosso olhar pode perceber que há muitas semelhanças entre passageiros de idades próximas. Mas há também muitas diferenças: o lugar de onde vêm, as oportunidades de outras viagens, o incentivo que recebem ou receberam, o espaço, o tempo e o cuidado com que investiu (ou que investiram) em montar sua bagagem, além de possíveis necessidades especiais.



## Os perigos da coação no ato de educar

*Lino de Macedo, professor titular de Psicologia  
do Desenvolvimento do Instituto de Psicologia da USP*

O objetivo da palestra é analisar as significações de perigo, coação e educação, criando, assim, um contexto para a reflexão sobre a sabedoria e as ilusões da coação quando agimos como educadores.

Segundo o dicionário de Houaiss,

- coação refere-se ao ato de coar, que é o mesmo que verter pouco a pouco, gota a gota, filtrar. Significações de coar: fazer passar ou deixar passar através; deixar cair gota a gota ou aos pingos; cair, destilar; penetrar pouco a pouco; passar através; infiltrar-se, insinuar-se, introduzir-se; passar ou fazer chegar furtivamente; (sentido figurado) suportar, sofrer; capar, castrar; fugir, escapar-se, esgueirar-se; (regionalismo) apartar.....

- educação é o ato ou processo de educar (-se) ou qualquer estágio desse processo; aplicação dos métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um ser humano; pedagogia, didática, ensino; o conjunto desses métodos; pedagogia, instrução, ensino; conhecimento e desenvolvimento resultantes desse processo; preparo; desenvolvimento metódico de uma faculdade, de um sentido, de um órgão; conhecimento e observação dos costumes da vida social; civildade, delicadeza, polidez, cortesia.

- perigo significa ensaio, tentativa, prova, risco, doença, processo; sentença escrita, ato de condenação. Significa também, situação em que se encontra, sob ameaça, a existência ou a integridade de uma pessoa, um animal, um objeto.

As significações dos vocábulos analisados possibilitam uma leitura favorável à autonomia ou à heteronomia do educando. Ou seja, a sabedoria da coação está em sua direção positiva: por exemplo, consideremos os aspectos coatores das regras, dos projetos, das avaliações, da disciplina em relação às pessoas, tarefas ou objetos. Mas, o perigo da coação é justificar a heteronomia, ou seja, o recurso aos seus aspectos negativos: passar ou fazer chegar furtivamente; fazer suportar, sofrer; castrar; fugir, escapar-se, esgueirar-se, ameaçar a existência ou a integridade de pessoas ou objetos, seduzir e conquistar para objetivos que não beneficiam a pessoa, que está sendo educada, criar situações ou contextos que podem produzir dano, causar mal, condenar, avaliar negativamente, criar ou provocar circunstâncias que não beneficiam agir de modo não delicado. Em uma palavra, adestrar não é educar.

Em síntese, se é impossível não coagir para educar, como valorizar os seus aspectos positivos? Ou seja, os que favorecem o desenvolvimento de nossa autonomia? Como evitar os aspectos negativos, ou seja, suas formas heterônomas?

## ***Os perigos da coação no ato de educar***

***Luiza Ricotta, psicóloga, psicoterapeuta, mestranda em Distúrbios do Desenvolvimento, psicodramatista e professora supervisora pela Febrap***

O que nos parece apropriado aqui é a reflexão do significado da coação no âmbito da interação educador x educando, buscando delimitar quando a coação é danosa e quando ela se torna oportunidade para o aprendizado e para a formação moral.

Apropriada seria a coação enquanto atitude mobilizadora de um entendimento progressivo do contexto pedagógico, apontando níveis de compreensão até sua consolidação, no conhecimento propriamente dito.

Em se tratando da apresentação de regras, do funcionamento de algo, de apresentar uma determinada realidade, há a ocorrência da coação, haja vista que a disciplina e as regras são estruturantes e fundamentais no desenvolvimento psíquico.

A coação talvez possa ser descrita como um ato em si que abriga uma determinada força a ser captada pelo educando a fim de imprimir neste um registro, não havendo o incentivo da autonomia, e sim a de se sujeitar ao cumprimento da lei ou regra apresentada, sendo este ato conhecido como heteronomia.

A autonomia que se pretende, segundo a teoria piagetiana, só pode ser efetivada mediante a superação da heteronomia - relação pautada na coação e no egocentrismo - pela autonomia - relação em que se pressupõe a cooperação e a coordenação de diferentes pontos de vista.

Para Piaget (1932/1994), “é a partir do momento em que a regra de cooperação sucede à regra de coação, é que ela se torna uma lei moral efetiva”. Sendo assim, a criança adquire a consciência moral em etapas, passando de um primeiro estágio de pré-moralidade - sem noção de regra ou consciência moral, anomia - para um estágio de heteronomia, no qual as regras são impostas, até atingir a autonomia moral, ou seja, ser governado por si mesmo, diferente de fazer o que se deseja, pautando-se em relações de cooperação.

Assim, o respeito torna-se a unidade funcional que possibilita a aquisição das noções morais (Piaget, 1932/1994), podendo ser de dois tipos: o respeito unilateral, que caracteriza uma primeira forma de relação social, em que predomina a obediência, numa relação de coação do superior sobre o inferior. Portanto, a moral decorrente é essencialmente heterônoma; e o respeito mútuo caracterizado por um segundo tipo de relação social pautada na relação de cooperação, em que a moral resultante se caracteriza por um sentimento diferente, o do bem, “mais interior à consciência, cujo ideal de reciprocidade tende a tornar-se inteiramente autônomo” (Piaget, 1998).

# Verdades e mitos sobre a ascensão da violência entre crianças e adolescentes

*Nilberto Amorim, mestre em Filosofia da Educação e doutor em Ciências Sociais*

Início minha reflexão sobre violência evocando a história oferecida pelo prêmio Nobel de literatura William Golding, em sua obra *“O Senhor das Moscas”*. É a história de todo um precipitar de acontecimentos em cadeia, vividos por um grupo de meninos estudantes, únicos sobreviventes de um desastre aéreo, forçados a se refugiarem em uma ilha deserta do Pacífico. Pouco a pouco, surgem os “estranhamentos”, as “rusgas”, as desavenças e as hostilidades entre eles. Dilacerantes e destruidoras essas forças fizeram irromper o ódio, os preconceitos, a crueldade, a perseguição, a guerra e a morte na ilha paradisíaca. Nunca uma ficção foi tão fiel testemunha da realidade

A violência é um constituinte da condição humana. O homem já nasce na violência (o parto). E o que dizer da história humana? Registros dão conta de que a roda da violência gira junto com a da história.. E quanto à presença da violência nas produções artísticas de todas as épocas? A pintura, a literatura e, mais recentemente, o cinema têm encontrado nela material inesgotável para uso e abuso, para o bom e o mau proveito. Notemos que tantas dessas cenas integram espaços sagrados, são vistos em vitrais de igrejas e catedrais.

De qualquer maneira, a violência complica-se na atualidade, época caracterizada por um complexo de males que fomenta uma cultura da violência. E entre esses males que fustigam nossa atualidade, existe um que é inexcusável em destrutividade. Falo da erosão dos valores morais. O fenômeno consiste basicamente na perda da capacidade das instituições educativas tradicionais – em especial a família e a escola – “de transmitir com eficiência valores e normas culturais de coesão social”. No ambiente da socialização tradicional, de forte carga afetiva e emocional, era negado à criança o conhecimento de certos segredos da vida; a regra era que tal conhecimento só fosse adquirido progressivamente. Há, na atualidade, um enfraquecimento da capacidade socializadora da família, paralelamente a uma excessiva exposição da criança, cada vez mais precocemente, à influência de outras instituições, em particular à televisão que não encobre nenhum segredo.

Os maus efeitos disso sobre a tarefa de educar ou socializar são imponderáveis. Eis porque é bastante compreensível a “debilidade dos quadros de referência” entre as crianças e jovens, assim como o é também o fenômeno de formação de grupos ou movimentos de contracultura – as *tribos* urbanas - integrada por jovens. Esses grupos representam “espaços de encontro”, mediante os quais os jovens procuram suavizar as asperezas e as esterilizações simbólicas que os ameaçam com a perda da significação e da própria identidade.

## ***O mercado de brinquedos e a violência***

***Gustavo Arruda, administrador de empresas e gerente de produtos de fábrica de brinquedos***

A dinâmica do mercado de brinquedos está cada vez mais atrelada à indústria do entretenimento. Cinema, televisão, revistas em quadrinhos, videogames e internet produzem histórias, seriados, personagens, modas e manias que, além de influenciar o ambiente das crianças e adolescentes, definem muitas vezes qual será o sucesso de vendas do ano.

Combinado a isso, há a volatilidade típica do gosto infantil. Num dia o que é interessante, no outro já não é mais. A renovação de brinquedos tenta acompanhar esta dinâmica, sintonizando-se nas tendências desse ambiente.

Perceber o que move as preferências das crianças e entender como funciona a cabeça delas e de seus pais, nos faz refletir sobre a questão da violência tanto no entretenimento como nos brinquedos.

A escolha dos brinquedos que farão parte da linha de uma empresa tem que obedecer a alguns critérios: inovação, viabilidade industrial, viabilidade comercial e um apelo mercadológico importante. E é nesse ponto que o tema da violência cruza com o nosso trabalho.

Se o nosso público alvo tem contato com todos estes tipos de mídia, inclusive aquelas com algum conteúdo violento, nós não temos como evitar oferecer brinquedos ligados a esses conteúdos. Dentro da linha de cada empresa, teremos produtos baseados em propriedades cujas temáticas ou histórias podem ter violências nos seus conteúdos.

Logicamente, dentro de critérios de bom senso, desenvolvemos brinquedos levando em conta a faixa etária do consumidor e sua adequação conceitual.

Até que ponto assistir a um seriado violento ou brincar com brinquedos que estimulem a agressividade de alguma forma vão ter conseqüência na formação da criança?

Os principais aspectos a serem ponderados são os seguintes:

1. brincar fantasiando situações do mundo real faz parte de grande parte dos brinquedos. Imitar os adultos, mesmo em situações de "violência", tais como guerras, batalhas, lutas, é um componente lúdico que existe desde os primórdios da história dos brinquedos. Soldadinhos de chumbo, espadas de madeira e canhões são exemplos de brinquedos que propiciam o faz de conta assim como os monstros, bonecos de ação e os robôs de hoje.

2. adequação à faixa etária – É preciso observar o que acontece na TV, no cinema, videogames e não respeitar a adequação a cada faixa etária.;

3. tempo de uso – É só imaginar uma criança que fica a tarde inteira grudada num vídeo- game. Seja com conteúdo violento ou não, é um exagero. A palavra chave é o equilíbrio.

## **Dimensões políticas, sociais e culturais da educação no Brasil**

*Marcus Ianoni, psicólogo, mestre e doutor em Ciências Sociais*

Um aspecto central relacionado às dimensões políticas, sociais e culturais da educação no Brasil diz respeito ao papel da escola no processo de inclusão digital, que tem íntima relação com o desenvolvimento da cidadania participativa e, assim, com as referidas dimensões mencionadas.

A primeira idéia a ser tratada diz respeito ao conceito de sociedade da informação, que designa uma nova forma de organização da economia e da sociedade, que permite um acesso ilimitado à informação. A sociedade da informação apóia-se em um padrão tecnológico que viabiliza o compartilhamento instantâneo da informação. Tal sociedade diz respeito a um novo momento histórico do sistema capitalista internacional, que se torna mais e mais dependente de tecnologias da inteligência. Tal dependência de tecnologias inteligentes faz com que a qualificação de amplos segmentos da sociedade para o manuseio do atual padrão tecnológico seja um fator fundamental para o desenvolvimento econômico, social, político e cultural das nações.

No entanto, a apropriação da tecnologia da informação, especialmente o computador conectado à internet, se dá de maneira desigual entre os países e no interior de cada país. Essa desigualdade no acesso à informação mediada por computador provoca um aumento da distância entre países ricos e países pobres, bem como entre ricos e pobres em cada país. Na verdade, o que ocorre é que existem excluídos e incluídos na revolução tecnológico-informacional e o enfrentamento dessa realidade pelas sociedades em que a exclusão digital é significativa torna-se indispensável.

Cabe ao Estado promover políticas públicas de inclusão digital. Nesse sentido, o papel da escola pública é fundamental enquanto espaço de alfabetização digital. Entendemos aqui inclusão digital como o acesso do indivíduo a um computador com conexão na internet, pois sem essa conexão o equipamento seria apenas uma máquina de escrever melhorada.

A inclusão digital tem clara relação com o desenvolvimento da cidadania, pois possibilita o acesso ao direito à informação e à comunicação. Sem informação e comunicação não há democracia, pois a decisão dos eleitores depende disso. Além disso, várias informações essenciais para a vida dos cidadãos têm migrado para a internet, através de iniciativas conhecidas como "governo eletrônico".

As crianças e jovens do Brasil, bem como os educadores, precisam da incorporação, em suas salas de aula e bibliotecas, da nova tecnologia informacional, tanto para se prepararem para o mercado de trabalho como para exercerem outras dimensões de sua cidadania, divulgando conteúdos culturais próprios na rede mundial de computadores, fazendo pesquisas e adquirindo seu correio eletrônico para se comunicarem.

# O desafio de levar o brincar para o cotidiano da sala de aula

*Adriana Friedmann, pedagoga, mestre em Metodologia do Ensino, docente na área do lúdico em diversas instituições, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento (Nepsid), co-fundadora da Aliança pela Infância e autora de vários livros.*

“Tomando como base a concepção da criança como ser integral, constata-se que as atividades que ela realiza na escola têm um tratamento compartimentado: uma hora determinada para trabalhar a coordenação motora, outra para trabalhar a expressão plástica, outra para brincar sob a orientação do professor, outra para a brincadeira não-direcionada e assim por diante. Essa divisão não vai ao encontro da formação da personalidade integral das crianças nem de suas necessidades. Os indivíduos necessitam construir sua própria personalidade e inteligência. Tanto o conhecimento quanto o senso moral são elaborados pela criança em interação com o meio físico e social, passando por um processo de desenvolvimento.

Na prática educacional, é interessante a construção progressiva de estratégias metodológicas que respondam aos objetivos formulados. Essa metodologia deve ser construída levando-se em conta a realidade de cada grupo de crianças, a partir de atividades que constituam desafios e sejam, ao mesmo tempo, significativas e capazes de incentivar a descoberta, a criatividade e o espírito crítico.

É nessas estratégias que quero situar o brincar como mais uma alternativa metodológica. Aqui, deve-se prestar especial atenção para não considerar a atividade lúdica um único e exclusivo recurso de ação, já que essa seria uma postura ingênua. Trata-se de uma alternativa significativa e importante, mas seu uso não exclui outros caminhos metodológicos.

Partindo de uma concepção sócioconstrutivista-interacionista do jogo, ou seja, pensando-o como meio de garantir a construção de conhecimentos e a interação entre os indivíduos, como vincular a atividade lúdica à função da escola? A possibilidade de trazer essa atividade para o ambiente escolar é uma forma de pensar a educação sob uma perspectiva criadora, autônoma, consciente. Por meio da atividade lúdica, não somente se abre uma porta para o mundo social e para a cultura infantil, como se encontra uma rica possibilidade de incentivar seu desenvolvimento.”

· *Texto extraído do livro “O desenvolvimento da criança através do brincar” – Adriana Friedmann, Moderna, 2006*

## *O desafio de levar o brincar para dentro da sala de aula*

*José Gerardo M. Guimarães, doutor em Integração da América latina pela Universidade de São Paulo (USP)*

Este artigo procura destacar a importância do ato lúdico no processo de aprendizagem, com destaque para a educação infantil.

A educação deve ser compreendida, inicialmente, como parte de um processo de contato e contágio que visa o desenvolvimento do ser humano de modo integral e consciente. Isso implica no fato de que os professores, educadores, formadores, mas também, aprendizes, porque devem estar em constante e permanente interação com os educandos, não podem prescindir dos conhecimentos técnicos específicos às suas disciplinas, que os tornam mestres, nem tão pouco de uma cultura geral e política, que os torna cidadãos conscientes e críticos, capazes de entender, participar e interferir no mundo em que vivem e que se encontra em constante processo de mudança.

O educador é um mediador de conflitos que se estabelecem no ser humano ao longo do seu desenvolvimento bio-psico-social, a partir de suas necessidades de transformar-se, também, em agente ativo, quer dizer, em indivíduo atuante na sociedade onde vive. A sociedade contemporânea exige de seus educadores, atitudes integradas, co-participação, ações inter e transdisciplinares, enfim, procedimentos coletivos.

De fato, levar o hábito de brincar para dentro da sala de aula constitui-se em um grande desafio. Entre outras coisas porque o sistema escolar vigente, não obstante todas as inovações tecnológicas e didático-pedagógicas surgidas nos últimos anos, ainda mantém vícios, não mais toleráveis. Entre eles, o de considerar a escola quase que exclusivamente um espaço físico concebido arquitetonicamente para abrigar pessoas que a freqüentam por obrigação e necessidade.

Logo, fica evidente a necessidade de enfrentar o desafio de levar o brincar para dentro da sala de aula. Mas para isso é preciso que os educadores também sintam a necessidade de enfrentar a tarefa educacional como atitude prazerosa; que se permitam redescobrir atitudes e comportamentos lúdicos; que se permitam transgredir, isto é, ir além daquilo que até então consideram como sendo a maneira mais adequada de ensinar e aprender.

# O papel do quadro de apoio dentro de uma escola formadora de opinião, limites e possibilidades

## *O aprendizado além da sala de aula*

*José Carlos Bueno do Prado, secretário de escola e coordenador nacional do Defe/CNTE*

Se a luta pela manutenção do emprego atualmente ocupa um extenso espaço nos debates que fazemos no setor do funcionalismo, na educação, em particular, que tem por excelência a tarefa de educar, a batalha é ainda maior. Setor composto por duas categorias profissionais que convivem no mesmo espaço físico, apresenta à sociedade uma escala de valores que simplesmente desconsidera uma parcela significativa de trabalhadores.

Estamos tratando, sim, dos funcionários administrativos da educação, historicamente desvalorizados salarial e profissionalmente, e que sempre foram os grandes ausentes nas discussões nacionais, estaduais e municipais para a definição de uma política educacional.

Segundo estatísticas (apontadas pela Unesco, o Unicef e o Ibope) nossos alunos são os piores em leitura, lideram a repetência na América Latina, estão entre os 74% dos nossos analfabetos funcionais e justificam a existência de dezenas de programas paralelos, que se eternizam tentando ensinar jovens e adultos a ler, o que compromete em gênero, número e grau uma formação crítica e apta a encarar as mudanças impostas pelo “novo mundo”.

Embora o governo do Estado de São Paulo tenha afirmado, durante estes doze anos de gestão, que a educação pública é o único caminho para o conhecimento, ignorou toda e qualquer denúncia sobre a baixíssima qualidade desta mesma educação e quais seriam as conseqüências de um projeto educacional que não reconhecesse os funcionários como uma verdadeira extensão do ensino, ou seja, um educador.

O fator limitador intrínseco nessa triste realidade que acompanha os funcionários da educação aponta o inadiável aperfeiçoamento dos debates junto à comunidade escolar, buscando uma realidade pactuária como cerne da escola cidadã.

Todo este raciocínio trouxe à tona uma imperativa necessidade de mudança estrutural deste modelo, amparando propostas na organização nacional dos funcionários administrativos da educação e nas ações governamentais que resultassem em uma realidade que apontasse para o fato de a profissionalização dos funcionários assumir um caráter maniqueísta; ou seja, ou forma ou não há educação pública de qualidade e formadora de opinião.

Este deve ser o norte da mudança, pois avançar na profissionalização não significa apenas uma ascensão funcional. É preciso encarar este processo como uma inovação no setor educacional, rumando para um futuro em que todos os agentes envolvidos na educação ajam de maneira uniforme e sistemática.

# A universalização da leitura e da escrita

## *Correlação entre leitura, escrita e desenvolvimento social e o papel formador da literatura*

*Juracy Assmann Saraiva, doutora, pós-doutora em Teoria Literária pela Unicamp-SP, doutora em Teoria Literária pela PUC-RS, professora e pesquisadora da Feevale-RS*

O texto expõe a correlação entre os indicadores de leitura e as condições sócio-econômicas do Brasil, salientando a necessidade de valorização do texto literário, que contribui para a formação ética dos indivíduos.

Nosso país é pobre, atrasado e violento porque a maioria de sua população não tem acesso ao conhecimento, à cultura, à imersão no sonho e na fantasia, caminhos que são abertos pelos livros de literatura e que conduzem à realização pessoal e coletiva. Ela não se concretiza, portanto, a partir do domínio meramente cognitivo do ato da leitura, orientado para as vantagens materiais e sociais da competência leitora, mas da leitura de obras que ensinam a viver a vida mais plenamente. e a levar a sério o compromisso, que cada indivíduo deve assumir, de fazer parte da humanidade.

A afirmação precedente reforça o papel da escola na formação de leitores, todavia os argumentos com que os educadores registram o atendimento dessa sua finalidade se contrapõem, freqüentemente, à prática que desenvolvem e que se revela como contraditória. O descompasso torna-se visível quando são analisadas a seleção de obras, a metodologia aplicada à leitura e a finalidade atribuída à inserção da literatura nas atividades docentes. Grande parte dos professores demonstra desconhecer a especificidade do texto literário e a função formadora da literatura, atribuindo a razão da escolha dos textos a aspectos que lhes são exteriores, como a ampliação do vocabulário, a assimilação de regras de escrita ou, até mesmo, a preparação para exames de mudança de nível de ensino. Além disso, por ignorar a interação texto-leitor, o docente substitui a leitura como prática significativa por exercícios centrados no reconhecimento de informações.

Para legitimar o estudo da literatura, é necessário construir práticas de leitura que promovam o encontro entre os textos literários e seus leitores, visando deflagrar uma reflexão sobre a literatura e sobre a ética dos comportamentos humanos. Isso pressupõe a compreensão do processo de leitura do texto literário e de suas condições de existência e de legitimação; a reflexão sobre a influência da literatura sobre seus receptores; e a contribuição que a leitura pode trazer ao desenvolvimento do processo criativo de alunos.

Como instrumento de análise e de reflexão crítica, os textos literários não só instauram um mais rico processo de leitura, como também contribuem para a formação ética e moral do sujeito, transformando a escola e seu contexto social.

## ***A universalização da leitura e da escrita***

***Gladys Rocha***, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e doutora em Educação também pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

O texto focaliza o necessário compromisso da Escola como instituição comprometida com os processos de ensino e de aprendizagem da palavra escrita, considerando, ainda que de forma breve, seus limites e possibilidades.

Discutir a universalização da leitura e da escrita num Congresso acerca dos *Desafios da Educação Atual* traz um importante pressuposto — o de que a universalização da leitura é, ainda, futuro. “Um futuro ainda” porque configurado numa sociedade que, embora grafocêntrica, tem o impresso e o acesso a ele desigualmente distribuídos — quer em sua dimensão social, quer em sua dimensão individual. “Um futuro ainda” que amplia o desafio da Escola e indicia, também, limites e possibilidades.

Isso posto, cabe destacar que o termo *Educação* é focalizado em uma de suas acepções — a de Educação Escolar. Esse recorte justifica-se porque, como afirma Soares (2003, p.89):

tradicional e consensualmente [...] considera-se que é à escola e à escolarização que cabem tanto as aprendizagens básicas das habilidades de leitura e de escrita, ou seja, a alfabetização, quanto o desenvolvimento, para além dessa aprendizagem básica das habilidades, conhecimentos e atitudes necessários ao uso efetivo e competente da leitura e da escrita.

Cabe esclarecer, também, que, ao focalizar a Educação Escolar assumo que a Escola tem (ou deveria ter) como uma de suas funções precípuas o aprendizado competente do ler e do escrever. Acredito, por outro lado, que a esse compromisso e desafio social não subjazem uma visão romântica da Escola como redentora ou equalizadora de desigualdades sociais. Entendo, diferentemente, que, para que a Escola cumpra seu papel social, é necessária e urgente a superação dessa velha crença, ainda tão arraigada no nosso imaginário social. Como afirma Nóvoa (2005, p.17) a escola não pode tudo. E, por isso, parece imprescindível que ela se reencontre como organização *centrada na aprendizagem*, partilhando com outras instâncias um trabalho educativo mais amplo.

Assim, ao focalizar a Escola, pretendo evidenciar aspectos possíveis nos espaços intra-escolares, que dizem respeito à qualidade da escolarização, o que implica em trabalhar a língua materna tendo em vista seus usos sociais; em ter como meta a formação de autores e “leitores” de textos capazes de lidar de modo eficiente com os diferentes gêneros textuais que circulam numa sociedade letrada.

# EJA: conhecimento e transversalidade na concepção de currículo

## *Subsídios para repensar o currículo da EJA*

*Maria Clara Di Pierrô,  
professora da Faculdade de Educação da USP*

Aderindo ao paradigma da educação continuada ao longo da vida, o texto propõe flexibilizar a organização escolar e rever os critérios de seleção curricular, considerando a multiplicidade das necessidades formativas das pessoas jovens e adultas.

A demanda por educação de jovens e adultos (EJA) é extensa e complexa, comportando grande diversidade de necessidades formativas, a começar pela alfabetização de usuários da linguagem escrita, capazes de se expressar, buscar informação, fruir os bens culturais e adquirir novos conhecimentos. É forçoso considerar os complexos requisitos para o exercício da cidadania, as exigências crescentes de qualificação de um mercado de trabalho excludente e seletivo.

Um primeiro passo é superar a visão compensatória (que reduz a EJA à reposição de escolaridade não realizada no passado), concebendo-a nos marcos da educação continuada.

É preciso também reconhecer a legitimidade do conhecimento adquirido por meios extra-escolares, admitindo que não só a escola, mas também outros ambientes.

Em vez de reproduzir as formas de organização, currículos, métodos e materiais da educação infanto-juvenil, é preciso flexibilizar currículos, meios e formas de atendimento, integrando as dimensões de educação geral e profissional, reconhecendo processos de aprendizagem informais e formais, combinando meios de ensino presenciais e à distância, de modo a que as pessoas possam obter aprendizagens e a certificação correspondente mediante diferentes trajetórias formativas. Isso implica:

a) conceder autonomia às escolas para desenvolver currículos pertinentes às necessidades das comunidades em que estão inseridas;

b) flexibilizar a organização escolar, desenvolver estratégias de avaliação de aprendizagens não escolares e assegurar certificação equivalente para percursos formativos diversos;

c) prover múltiplas ofertas de meios e modalidades de ensino-aprendizagem, facultando a circulação e o aproveitamento de estudos;

d) articular a formação geral e profissional, sem cair na armadilha da mera capacitação técnica para postos de trabalho de rápida obsolescência;

e) incorporar ao currículo a formação política para a cidadania democrática, f) articular o acervo de conhecimentos acadêmicos socialmente, valorizando os saberes construídos nas práticas de trabalho e convivência no meio popular;

g) adotar uma abordagem interdisciplinar de vida, relações sociais de gênero e direitos da mulher etc., resgatando a proposta freireana de eleição de temas geradores pertinentes à experiência sociocultural dos alunos.

## ***O currículo integrado do Projovem***

***Regina Inês Villas Bôas Estima,***  
*mestre em Educação, atua em projetos de pesquisa*  
*e formação continuada de professores*

O currículo integrado do Projovem pretende romper com a falsa dicotomia entre formação básica/formação profissional e formação para a ação social. Pressupõe uma metodologia em busca da interdisciplinaridade.

O Programa Nacional de Inclusão de Jovens foi implantado em São Paulo com base na pesquisa realizada pelo Ipea para o governo federal, que apresenta um contingente de 241.946 jovens no município em situação de vulnerabilidade social.

O Projovem tem como finalidade proporcionar formação integral ao jovem, por meio de uma efetiva associação entre:

- elevação da escolaridade, tendo em vista a conclusão do ensino fundamental;
- qualificação com certificação de formação inicial;
- desenvolvimento de ações comunitárias de interesse público.

O Programa deverá contribuir especificamente para:

- a re-inserção do jovem na escola;
- a identificação de oportunidades de trabalho e capacitação dos jovens para o mundo do trabalho;
- a identificação, elaboração de planos e o desenvolvimento de experiências de ações comunitárias;
- a inclusão digital como instrumento de inserção produtiva e de comunicação.

A integração indissociável entre educação básica, qualificação profissional e ação comunitária proposta pressupõe uma nova perspectiva de cooperação interdisciplinar, flexível e abrangente voltada para o desenvolvimento de saberes, conhecimentos, competências e valores de solidariedade e cooperação.

O Projovem propõe a Educação como processo construtivo e permanente, que vai da vida para a escola e da escola para a vida, articulando conhecimentos formalmente estruturados e saberes tácitos. Tem caráter histórico e cultural.

O trabalho deverá ser abordado como uma prática social específica, de caráter histórico e cultural, por meio da qual o ser humano constrói suas condições de existência. Nessa perspectiva, é constituinte do sujeito na sua totalidade. Na concepção do programa, a qualificação profissional, remete ao desenvolvimento de habilidades, ao autoconhecimento, à sociabilidade, à realização pessoal, simultaneamente à preparação para uma inserção ocupacional inicial que possa assegurar renda aos jovens participantes. Os arcos ocupacionais escolhidos para realização dos cursos de qualificação profissional serão: arte e cultura, telemática, turismo e hotelaria e alimentação.

A ação comunitária, por sua vez, é pensada com base no binômio *cidadania e solidariedade*. No âmbito do programa, a ação comunitária visa a contribuir para o desenvolvimento de potencialidades dos jovens e aquisições que resultem no reconhecimento de seus direitos e deveres de cidadão.

# E quando a criança não consegue aprender?

*Elba Siqueira de Sá Barretto,  
professora da Faculdade de Educação da USP  
e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas*

Quando uma criança não consegue aprender, em geral a pergunta que mais aparece na escola é: o que há de errado com ela? É comum que os docentes encontrem nas famílias e na situação socioeconômica de carência de seus alunos a explicação de todos os insucessos escolares.

## **Esse tema suscita várias indagações:**

1. que processos de culpabilização se registram na relação entre escolas e famílias?
2. que situações se constituem como problemas?
3. que práticas de encaminhamento são utilizadas?

Mas gostaria de inverter a questão.

O que a escola está fazendo em benefício dos alunos que não conseguem aprender?

Tomemos o problema da leitura e da escrita, que me parece o maior desafio da escola para todos. Os que criticam os ciclos argumentam que os alunos estão chegando ao final do ensino fundamental sem saber ler e escrever!

É preciso admitir que isso é verdade, mas é bom refletir sobre quantos são os alunos nessa condição. Certamente serão em menor número do que os que ficavam pelo meio do caminho, acumulando repetências nas séries iniciais até saírem da escola.

Entretanto isso não nos isenta de responsabilidade sobre os que não estão aprendendo devidamente.

Gostaria de discutir com vocês os aspectos positivos e as dificuldades relativas às medidas que têm sido propostas recentemente à rede municipal para enfrentar essa questão:

### **1 - o apoio aos anos iniciais**

(é válido levantar a questão dos métodos de alfabetização? Como estão funcionando os estagiários no auxílio aos docentes? O que dizer da avaliação? E o atendimento às crianças de 6 anos com a ampliação do ensino fundamental para 9 anos? O que muda da pré-escola para o ensino fundamental?)

### **2 - o trabalho com as crianças com atraso na alfabetização**

Qual é o momento adequado para atender a essas crianças? As dificuldades relativas à própria concepção de recuperação e por que ela não tem funcionado a contento? Da possibilidade de propor percursos educacionais diferenciados para os alunos ao longo de um ciclo. Algumas experiências no Brasil e no exterior)

### **3 - o envolvimento de todos os docentes do ensino fundamental com o ensino da língua**

As diferenças na formação docente. O conhecimento do mundo físico e social como objeto da leitura e da escrita. O apoio de professor alfabetizador no ciclo final).

# Educar para reencantar a educação

*Jung Mo Sung, pós-doutorado em Educação  
e doutor em Ciências da Religião*

O capitalismo encantou o consumir mercadorias e desencantou a vida. Uma educação que se pretenda humanizadora precisa assumir o desafio de reencantar a vida e discutir o sentido da vida e da educação.

Se perguntarmos a qualquer pai ou mãe por que eles querem que seus filhos estudem e consigam uma boa educação, a resposta será mais ou menos essa: “é porque nós queremos que eles tenham uma vida boa, uma vida melhor, pois se não estudar vão ter uma vida difícil”.

“Vida boa” significa, em primeiro lugar, não passar por dificuldades econômicas e ter uma vida confortável. Mas, com certeza desejarão também que seus filhos sejam pessoas respeitadas na comunidade e na sociedade e que sejam também pessoas “de bem”.

Todos os seres vivos estão equipados com um mecanismo que lhes possibilita distinguir o que é “do bem”, isto é, o que lhes ajuda na reprodução e na manutenção da sua vida, e o que é “do mal”, aquilo que prejudica a sua vida. Nos seres vivos mais simples, esse mecanismo faz parte da sua própria constituição biológica. No caso dos seres humanos, precisamos, além desse mecanismo biológico, de um mecanismo cultural que nos permita distinguir quem são as pessoas “do bem” e “do mal” e o que é uma vida boa. Sem essa distinção entre “do bem” e “do mal”, não conseguimos organizar as nossas relações com objetos e pessoas do nosso ambiente e, portanto, não conseguimos tomar decisões.

Entretanto, hoje, pouco falamos sobre o sentido da vida e da educação, o “para que”, e estamos concentrados quase que exclusivamente no método e na técnica de “como” educar. Isto revela que um sentido da vida e da educação se tornou vitorioso e foi imposto à sociedade.

Quando o sentido da vida dominante na sociedade já não é nem mais discutido, é hora de levantar novamente essa pergunta! Esta é uma das funções de uma educação crítica.

Vivemos em uma sociedade onde o sentido último é ganhar mais para consumir mais; e o viver bem foi identificado com consumir mais. Mas como não queremos viver uma vida desencantada, fria e sem graça, corremos atrás de mercadorias que encantem as nossas vidas. Ir ao *shopping center* para fazer compras quando nos sentimos “desanimados” (sem alma/vida) ou meio “chateados” (parecendo que a nossa humanidade ficou diminuída, achata-da) é uma expressão clara desse fenômeno. O sentido e o encanto da vida não estão mais na vida mesma, mas em consumir mercadorias.

Em um mundo assim, é fundamental que a educação não se reduza ao aspecto técnico-operacional da vida, mas que assuma também a tarefa de reencantar a vida e para isso eduque para uma visão crítica da dimensão simbólico-espiritual do ser humano.

# O ensino fundamental de nove anos: desafios e perspectiva

## *A escola de nove anos: integrando as potencialidades da educação infantil e do ensino fundamental*

*Maria Leila Alves e Marília Claret Geraes Duran,  
docentes-pesquisadoras do Programa de  
Pós-graduação em Educação: Mestrado,  
Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)*

No sentido de pôr em discussão o ensino fundamental de nove anos, com a qualidade social necessária a uma escola que se pretende um pólo irradiador de cultura e de conhecimento, integrando as potencialidades formativas da educação infantil e do ensino fundamental partimos de alguns questionamentos para chegar aos seis princípios que se seguem, princípios estes que, do nosso ponto de vista, devem nortear esse ensino.

1) O ensino fundamental de nove anos deve constituir-se num processo de fabricar a vida.

2) É preciso fazer do ensino fundamental de nove anos um espaço de articulação das mentes (e não só dos corpos), das emoções e dos desejos das crianças, estabelecendo uma relação concreta entre a cultura da escola e a cultura local.

3) O ensino fundamental de nove anos precisa considerar que a tarefa da escola não consiste em dar às crianças uma soma de fatos conhecidos, mas, em ensiná-las a orientar-se independentemente, seja na formação científica, seja em qualquer outro tipo de formação.

4) O ensino fundamental de nove anos deve acreditar que toda criança é capaz de aprender, dependendo da forma como é conduzido o processo de ensino, ou seja, isto depende da capacidade de a escola considerar os pontos de partida desiguais das crianças.

5) O ensino fundamental de nove anos deve responder aos desafios de transformar a estrutura e a cultura da escola, reconhecidamente anacrônicas e descontextualizadas.

6) O ensino fundamental de nove anos deve possibilitar que a alfabetização aconteça na escola – a mais importante agência de letramento – como uma prática social de leitura e escrita e, como prática social, incluindo os eventos sociais de leitura e escrita em que essas práticas são postas em ação, ou seja, permitindo que as crianças de seis anos entrem em contato explícito e interajam com a leitura e a escrita. Debater estes princípios é o que se pretende nesta comunicação.

\* O texto do qual foram extraídos os princípios deste resumo foram discutidos no documento Ensino Fundamental de Nove Anos: Princípios e Propostas para a Elaboração do Projeto Político Pedagógico do Município de Taboão da Serra/SP, produzido em julho de 2005, por solicitação do então secretário de Educação, César Callegari, que implantou no município o ensino fundamental de nove anos. O documento teve como objetivo subsidiar as discussões dos professores e demais profissionais de ensino da rede.

# Concepção psicanalítica da criança e do brincar: além do sentido e do significado

*Leny Mrech, professora livre docente da Faculdade de Educação da USP*

A criança abordada pela psicanálise é um sujeito de direito. Um sujeito que se encontra por inteiro no brincar. Ir além do sentido e da significação implica em identificar que quando uma criança brinca, ela traz múltiplas dimensões em sua ação. Ao reduzi-la a um significado, a um único sentido nós empobrecemos o processo. Nós achatamos a ação da própria criança. Isto porque há um real que ultrapassa tudo aquilo que a criança faz. Um real que tece o novo e que nós sempre tentamos abarcar de forma reduzida em nossas concepções.

Esta palestra visa trazer um encontro com o novo da concepção da criança e suas brincadeiras. Um convite ao lúdico em sua máxima abordagem.

# PROJETOS PEDAGÓGICOS

**DIA 18/10 - 8H30 ÀS 12H30**

## Baú do teatro

**CEI Padre Elias Pereira de Melo**

*Magda Aparecida Paim Rodrigues, Antônio Amaro da Silva,  
Edilene de Cássia Zambrana Ferrel Ribeiro*

Desenvolver um projeto baseado nas técnicas apresentadas no curso “A hora e a vez da equipe de apoio”. A partir dessa necessidade e da reflexão resolvemos fazer um diagnóstico sobre o que estava faltando de atividade pedagógica que envolvesse artes dentro do CEI.

A criança se surpreende no mundo da fantasia com muito pouco e o educador, com pouco esforço consegue atingi-la, tornando-se admirável para ela e se transformando no próprio personagem. A dificuldade do educador é saber ministrar a dose certa, nos momentos certos dessa fantasia dentro do CEI.

Intensificar o trabalho em grupo na sua totalidade, criança, educador e comunidade.

A criança, por sua inocência, vive a fantasia como real; o servidor vive uma dualidade entre o profissional e a fantasia infantil, e a expectativa da comunidade escolar como parte integrante do CEI.

Introduzir no planejamento pedagógico um Baú do Teatro, no qual transmitir, expressar, relaxar, encantar, fantasiar e educar façam parte da rotina do CEI, utilizando técnicas e temas que viabilize o prazer para todos, priorizando o bem estar e o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças. Se o objetivo principal é fazer a criança feliz o ambiente necessariamente precisa ser equilibrado, saudável, leve. Esta leveza devido à exigência de cumprir tarefa, rotina estressante, falta de recursos humanos e materiais nem sempre é apropriada e a criança acaba por evoluir no maciço da intransigência adulta e burocrática da escola, que viola, que ataca e não deixa fluir a fantasia infantil.

Nas estórias de aventura, os piratas são seres que no mundo infantil são reais. Estes personagens sempre buscam um Tesouro que se encontra escondido em um Baú no fundo do mar, numa ilha numa montanha e sempre inacessível.

O nosso projeto se identifica muito com as aventuras dos piratas, pois busca um Tesouro (resgate da infância perdida no educador, da inocência, da fantasia, da alegria, da satisfação, da cumplicidade, da responsabilidade, da educação, da formação...), e este Tesouro está dentro de um Baú (Baú do Teatro), e os piratas, são todos os educadores e a comunidade; aventureiros neste mar que é o Universo Infantil e mergulhando nas mais profundas águas (nosso íntimo e nossas experiências e nossa vocação em educar), utilizando técnicas e aperfeiçoando dia a dia para fazer fluir o espírito de responsabilidade e compromisso dentro de cada um de nós.

# Caixa de estória

**CEI Padre Elias Pereira de Melo**

*Aparecida Gonçalves dos Santos e*

*Suely Aparecida de Lima de Oliveira,*

*professoras de desenvolvimento infantil;*

*Marli Paremezano Rosano, coordenadora pedagógica,*

*Edilene de Cássia Zambrana Ferrel Ribeiro,*

*diretora de Equipamento Social*

O Centro de Educação Infantil Padre Elias Pereira de Melo está localizado no bairro Cidade A. E. Carvalho, Subprefeitura de Itaquera, onde havia o interesse em ouvir estórias, mas não manuseavam adequadamente os livros em conseqüência do pouco contato. Havia também dificuldades de concentração e participação.

O interesse em reverter esse quadro motivou a criação da caixa de estória, na qual a criança poderia perceber que os personagens dos livros ganham formas e podem ser manuseados e também refletir sobre o cuidado com os personagens, transferindo este cuidado também para os livros.

A professora pode, então, propor para a execução da atividade a reprodução da estória de forma desenhada, e cada criança escreve a parte da estória de sua preferência ou à medida que a sua fantasia chegar.

A utilização de objetos simples para a elaboração do projeto facilitou a construção de várias caixas com temas diversos e sempre despertando a ansiedade por algo que está para acontecer, ora dramático, ora despertando sentimento e emoções.

Após um ano de desenvolvimento do referido projeto, observa-se uma sensível diferença na relação da criança com o livro, aumento do interesse e o cuidado com a preservação do mesmo. Aumento da concentração, atenção, participação, interesse em ouvir estórias, seja ela da caixa ou do livro.

Com o aumento do interesse pela estória, estão sendo realizadas, com eficácia, experiências de empréstimos de livros, que a criança leva nos finais de semana para leitura com a família. Também, se desenvolve o senso de responsabilidade e a participação da família, que tem a oportunidade de contato com a estória.

# A construção do brinquedo, propiciando o resgate da cultura popular no processo pedagógico

*Emei Recanto dos Humildes  
Preciosa Maria Costa da Silva,  
Izabel de Lima Alves, Valna Adriana Widniczek*

Nesse trabalho, procurou-se ampliar o conhecimento social e cultural das famílias que freqüentam o CEI Recanto dos Humildes, da Coordenadoria de Educação de Pirituba, localizado na rua Recanto dos Humildes, s/nº, no bairro de Perus (Zona Oeste de São Paulo), trabalhando a oficina de confecção de bonecos, ou como uma das denominações do teatro de boneco, TEATRO DE MAMULENGO.

O objetivo da oficina na unidade educacional era a construção do brinquedo, propiciando o resgate da cultura popular no processo pedagógico. Hoje, criar e construir seus próprios brinquedos é contrapor.



## Integração e parcerias possíveis entre educadores de CEI e Emef

*CEI Penha e Emef Frei Francisco de Mont' Alverne  
Irene Rodenas Marassi, Maria Andréa de Oliveira,  
Elisabete Sá Borodai*

Era uma vez um grupo de educadores de uma Emef que decidiu quebrar barreiras... Em uma manhã de sol, partiu em visita a um CEI, pois, ouviu dizer que ali se contava belas histórias com caixas mágicas.

Já tinham ouvido falar muitas histórias daquele lugar, mas, na verdade, queriam mesmo era conhecê-lo de perto.

Ao chegarem ficaram surpresos com o que encontraram, pois as pessoas daquele lugar partilhavam dos mesmos sonhos e desejos que eles. Foram recebidos com festa como se há muito tempo estivessem sendo esperados...

As educadoras daquele CEI trouxeram todas as suas caixas de história e, uma a uma, presentearam os visitantes com deliciosos instantes de encantamento, buscando seduzir a quem ouvia numa viagem ao mundo das histórias e da fantasia.

Uma história fresquinha ouvia-se saindo de cada caixa. Era verdade, as caixas eram mágicas!

Os visitantes, que em seu reino ensinavam a ler e escrever, logo imaginaram que aquelas caixas poderiam encantar também suas crianças.

Das caixas, não saíram somente histórias, saíram também idéias e sonhos, que foram partilhados por todos. Aqueles educadores descobriram, então, que tinham muito o que aprender uns com os outros e prometeram se encontrar outras vezes.

Essa é uma história que não termina aqui. Na verdade, está apenas começando com a proposta de que esse tipo de iniciativa possa ser partilhada e multiplicada com outros educadores, visando o fortalecimento do processo educativo como um todo, sem rupturas, sem hierarquização, na busca de uma educação democrática e de qualidade para nossas crianças.

# O cio do pão

**CEI Jardim Souza**

*Célia Aparecida Ribeiro Ornaghi  
e Gylma Cileide Vieira dos Santos*

O projeto foi desenvolvido a partir da necessidade de estimular em crianças de 2 a 3 anos a comunicação oral, introduzindo vocabulário desconhecido. Organizar o pensamento para facilitar a interlocução e interação entre elas.

Envolver a família no processo de ensino e aprendizagem através de ações positivas como cooperar e ter expectativa do produto final - "o pão foi para a mesa de cada família".

Foi constatado pela atuação da assistente social, voluntária há dois anos, em parceria com CEI Jardim Souza, a necessidade de desenvolver um trabalho que ressignificasse a educação para as famílias da comunidade.

Nas visitas domiciliares a assistente social observou a desvalorização ao conteúdo cultural da própria comunidade, assim como da não-valorização do trabalho educacional do CEI. A falta de comunicação entre as partes deixava uma lacuna que, na visão do profissional, deveria ser preenchida pelo aluno.

A participação dos alunos em todo o projeto mostrou que ele é autor e construtor do seu desenvolvimento, desde a mais tenra idade, levando a comunidade docente a repensar suas práticas educacionais e a valorização da criança no seio familiar.

Com etapas bem definidas (receita), mostramos para a criança a necessidade de seguir um método para chegar a um resultado (pão). As ações sistematizadas ganham significado quando elas "assistem" a massa tomar forma, crescer e se transformar em pão.

Houve a participação dos diferentes grupos de alunos do CEI e seguimentos no encaminhamento do produto final. A liberdade e o respeito entre os profissionais refletiram nas crianças, possibilitando que o projeto fluísse e as etapas se desenvolvessem da melhor forma.

"Recolher da comunidade a cana e roubar da cana a doçura do mel e lambuzar-se de pão e mel"



## Construindo a identidade na torre encantada

**CEI Jardim Souza**

*Sandra Regina de Araújo Cardoso,  
Simone Candido da Silva, Aline Camilla Batista de Assis,  
Marli Miranda da Cruz e Isabel Cristina Oliveira Santa Rita*

O CEI Jardim Souza está localizado em área de manancial, de difícil acesso, rodeada de favelas. A situação habitacional é precária e a maioria das famílias é numerosa (possuem muitos filhos) e moram dentro de um ou dois cômodos de alvenaria.

A população é carente, na sua maioria oriunda do norte e nordeste, de baixa renda e subempregada. Sem nível escolar e qualificação profissional, o que dificulta

ainda mais ter um emprego.

A comunidade tem pouco espaço para lazer. Uma das poucas áreas de lazer é o Parque Guarapiranga, situado próximo ao CEI onde a comunidade frequenta gratuitamente. Existem nas proximidades duas EMEIs, creches conveniadas e posto de saúde do bairro, que atendem as demandas do entorno de maneira precária pela falta de recursos humanos e de materiais, dada a extensão da área. Observa-se também que não há uma EMEF próxima. Consequentemente, quando vão para a primeira série do ensino fundamental são matriculados nas escolas públicas pertencentes ao Estado.

Em função do mês do folclore, incluído no calendário pedagógico da escola o CEI desenvolveu o projeto “Construindo a identidade na torre encantada”, que utilizou um espaço que estava ocioso, se transformando em um espaço atrativo e curioso por ter formato de torre.

Criamos este projeto devido à necessidade de ensinar as crianças a vivenciarem a nossa rica cultura brasileira através de lendas, cantigas de roda, brincadeiras, histórias, parlendas (formas literárias tradicionais de origem oral, rimadas com caráter infantil, de ritmo fácil e de forma acelerada), adivinhas, contos e personagens do nosso folclore.

Observamos na comunidade que, devido à falta de planejamento habitacional que gerou as favelas, as crianças não têm mais espaços lúdicos, matas etc. para lazer e também pelo avanço tecnológico, que ocasionou ruas congestionadas por veículos, violência e medo urbano, a insegurança social.

Resgatar “o movimento”, “o brincar”, “a interação”, “o transmitir” ações naturais que sobreviveram e se somaram desde os nossos avós e propiciaram uma qualidade de vida melhor, produzindo uma sociedade sadia, foi o que nos levou a desenvolver este projeto.

O projeto foi desenvolvido a partir da necessidade de estimular na criança de 0 a 4 anos a comunicação oral, introduzindo vocabulário desconhecido, propiciando a organização do pensamento para facilitar a interlocução e interação entre as crianças.

Foi também objetivo do projeto envolver a família no processo de ensino/aprendizagem através de ações positivas como cooperar e ter expectativa do produto final – “a exposição de todo o projeto do folclore.”



## Resgatando a memória da classe trabalhadora

*Emef do CEU Jardim da Conquista II*  
*Marli Nunes da Silva, Claudete Vieira,*  
*Antonio Amaral da Silva*

Visando atender o princípio de valorização das ações de caráter educacional que permitam aos educadores e aos educandos a compreensão dos mecanismos de exclusão criados pelo sistema capitalista, o projeto se pauta pelo objetivo de reverter a lógica de perpetuação da cultura elitista, nas escolas públicas, assinalando que a es-

cola brasileira sempre serviu como instrumento para ocultar a história da classe trabalhadora, introjetando, mesmo sem intencionalidade, a cultura dominante.

Dentre as várias ações desencadeadas nos anos de 2005 e 2006, na apresentação destacaremos aquelas que possibilitaram um maior envolvimento da comunidade escolar.

Em 2005, o evento que mais chamou atenção, foi a produção e exibição da peça “Brasil: Descobrimto ou Invasão”, que proporcionou a integração entre os alunos das várias salas de EJA, principalmente entre Ciclo I e Ciclo II onde a dicotomia é histórica. Cumpriu com o objetivo de questionar a forma tradicional pela qual tem sido contada a história do Brasil, que transforma em heróis aqueles que usurparam as terras dos nativos.

No ano de 2006, o maior desataque ficou por conta do vídeo: “Nádia, a coruja, fala do primeiro de maio”, que foi produzido a partir de um texto, sobre o primeiro de maio, elaborado por um militante de esquerda da região. A produção realizada por professores, alunos e uma ex-aluna da EJA, aborda de forma descontraída a história do primeiro de maio, enfatizando a importância de enxergar a data como momento de luta e de lembrança dos mártires do movimento operário.



## É de menino ou de menina?

*Emei Professora Neyde Guzzi de Chiacchio  
Claudia Regina Fagnani Sangiorgi*

As questões sociais e culturais se fazem presentes desde a educação infantil. Considerei importante trabalhar a questão de gênero, “quebrando” certos tabus que colaborem na formação do ser humano e de forma a se respeitar e respeitar os outros, abordando conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais.

O trabalho teve início com a criança sendo a protagonista de sua história e, através de fotos, trabalhamos o horário de nascimento de cada um, comparamos a altura atual com a da criança assim que nasceu, identificamos os meses do ano, utilizamos alguns livros mostrando a evolução do bebê mês a mês e mais ou menos a medida correspondente, dramatizamos a posição do bebê no útero materno, posteriormente manuseamos e confeccionamos um bolo de chocolate para festejar este processo de nascimento, conversamos quanto aos nomes dados aos órgãos genitais e seus apelidos, realizamos agrupamentos por características e apreciações pessoais e finalizamos o projeto confeccionando brinquedos com sucata para ambos os sexos.

O projeto também foi desenvolvido com pais e comunidade, sobre o tema “Sexualidade”... O processo possibilitou momentos de troca e de crescimento, levando ao conhecimento de sua identidade e de todo o grupo.

O envolvimento dos pais trouxe confiabilidade e maior sentido ao trabalho e à vida, à medida que seus filhos foram tirando dúvidas e passando a se conhecer ainda mais, sem tabus e sem preconceito, mas aceitando e compreendendo a sua história e a de seus colegas.

# A linguagem e a comunicação na deficiência mental

*Emei Conjunto Residencial Elísio Teixeira Leite*

*Ana Maria dos Santos*

Defendendo uma prática educativa comprometida com a cidadania e com a formação de uma sociedade democrática e não excludente, acredito que a escola deve promover o convívio com a diversidade.

Dessa forma, cabe à escola construir um currículo, criar ou adaptar e disponibilizar materiais, equipamentos e demais recursos tecnológicos e de comunicação que garantam acessibilidade ao conhecimento, comunicação e interação social de crianças com necessidades especiais.

Assim, foi feito o registro de práticas pedagógicas desenvolvidas em uma sala de aula inclusiva de 3º estágio, onde a professora, através da música, consegue trabalhar conteúdos, capacidades, habilidades e socializações, apesar das limitações causadas pela deficiência mental.

A música é apresentada como uma das mais importantes expressões humanas, capaz de traduzir e comunicar sensações.

Os recursos utilizados foram viáveis à realidade da escola: aparelho de som, bastões e CDs.

A avaliação do projeto foi sistemática e capaz de acompanhar o processo educativo escolar em todas as suas dimensões.



## Entendendo o surgimento do Crece

*Emef General Henrique Geisel*

*Marco Antônio Ferreira, Nanci Paiva Barreira,  
Dulaine B. Borges e Solange de J. G. Barbieri*

O Conselho Regional de Representantes dos Conselhos de Escola (Crece) é resultado da luta mais geral dos trabalhadores na década de 1980 e início dos anos 90.

Anterior a esta luta, tivemos aqui, no município de São Paulo, uma luta para conseguirmos transformar o Conselho de Escola em uma instância deliberativa, na época o Conselho era apenas consultivo.

Com a eleição da prefeita Luiza Erundina, fizemos essa luta conjunta com os Conselhos Deliberativos e a criação do Crece.

Conseguimos grandes avanços na organização da escola e interescolas através do Crece.

O Crece foi criado no âmbito dos antigos NAEs, atuais Coordenadorias. Em alguns deles houve um funcionamento regular e inclusive conseguimos fazer plenárias inter-Crece e mesmo um encontro municipal dos Creces.

Um ponto vulnerável na nossa organização é que o Crece, apesar de sua penetração junto à comunidade, ficou com alguma dependência em relação à administração municipal, apesar de conseguirmos elaborar e aprovar um regimento interno, não conseguimos registrá-lo oficialmente e a consequência é que sua existência foi ignorada pelas administrações Paulo Maluf e Celso Pitta e não conseguimos mantê-lo.

Na administração Marta Suplicy ele foi re-criado, no

entanto, as mesmas dificuldades dele se autogerir foram verificadas e apesar do avanço, ele ainda continuou, em parte, dependendo das ações da administração.

Opinião minha: o Crece para se auto-sustentar tem que ser visto como uma organização popular, com participação da administração, mas quem deve dar a direção são os diversos segmentos que o compõe.

*\*Contribuição de Antonio Bonfim*

O Crece de Pirituba conseguiu avançar na administração Marta Suplicy, construindo um documento orientador, quase um estatuto (diríamos) do Crece, com o objetivo de ampliar a discussão deste documento na cidade e transformá-lo em um instrumento de regulamentação do Crece.

Esse movimento ainda foi bastante “tutelado” pela Coordenadoria, mas fortaleceu o grupo, que passou a ter uma visão mais definida do que seria o Crece e quais seus objetivos.

No atual governo, Serra/Kassab, o Crece de Pirituba procura se manter de forma responsável e comprometido com seus princípios de busca da qualidade da educação. Tem estabelecido o diálogo com a Coordenadoria num esforço cada vez maior para deixar clara a necessidade de uma relação autônoma e de co-responsabilidade entre as partes para o fortalecimento da democracia e a busca de solução para os problemas da educação.



## **Educação para a paz, para pais e educadores**

***Emef Marcos Mélega***

*Edna Lucia Martins Dantas*

O projeto foi apresentado ao grupo de professores como uma alternativa ao projeto “Atendimento a Pais” implantado na escola, onde os professores convocavam pais de alunos com problemas de disciplina e baixo rendimento escolar.

Até então, estes encontros eram marcados por constrangimentos, baixa auto-estima, promessas de castigos ou confissões de impotência dos pais diante do comportamento dos filhos.

As convocações se repetiam no decorrer do ano letivo sem sinais de melhoria do aluno.

A Educação para a Paz se propõe a reforçar as qualidades e atributos do educando para que ele manifeste todo seu potencial através de práticas simples como o uso correto de boas palavras e elogios, sem o uso da violência ou castigo.

A proposta deste projeto é incentivar a prática do perdão, da gratidão e do elogio a tudo e a todos como meio para alcançar a harmonia conjugal e entre pais e filhos, assim como a construção de valores humanos e espirituais na família e na sociedade.

Os pais eram convidados através de comunicados nas classes e alguns eram convocados. Estes chegavam à escola “armados” para se defenderem, alterados emocionalmente e dizendo que estavam com pressa pois tinham que ir para o trabalho.

Convidados a participar da reunião, aos poucos iam relaxando, o interesse pela reunião aumentava e lá permaneciam até o final, quando havia uma confraternização entre os participantes e cada um já apresentava um semblante de paz e alegria pelo clima amistoso do encontro.

## RESULTADOS

Os resultados positivos refletiam na sala de aula: os alunos cujos pais haviam participado do projeto apresentavam melhoria significativa no comportamento e aproveitamento escolar, porém não entendiam o que havia acontecido na visita dos pais à escola, pois desta vez havia uma aproximação amorosa com seus filhos no lugar de brigas e castigos.



# O corpo na educação infantil

*Emei Jardim Monte Belo*

*Karina dos Santos Cabral, Débora S. Soares da Silva,  
Alessandra Monteiro dos Santos*

Normalmente, as crianças do segundo estágio já têm um certo conhecimento do próprio corpo e seus movimentos. Têm também alguma consciência dos limites e dos cuidados que precisam ter o corpo.

É papel da escola ampliar a qualidade dos movimentos, as representações do corpo e o respeito às diferenças individuais. Assim, gradativamente, as crianças vão adquirindo independência e autonomia em suas ações, ampliam seus conceitos e respeitam a diversidade, aprendendo a olhar para si mesmas e para os seus iguais.

Pensando nisso, montamos um projeto multidisciplinar, com seqüências de atividades nas áreas de artes, de movimento e de identidade e autonomia.

Trabalhamos nos momentos de parque dirigido, com um circuito de atividades físicas: estações que as crianças passavam virando cambalhota, caminhando sobre corda, pulando bambolês, atravessando bancos. A cada nova execução do circuito, acrescentávamos novos desafios e chamávamos a atenção das crianças para o corpo delas e suas reações.

Depois de investir bastante no desenvolvimento físico do esquema corporal, partimos para o registro dessas experiências através do desenho e as crianças tiveram de, gradativamente, lidar com desafios na hora de desenhar uma pessoa. Variamos os suportes, os materiais, as propostas... E as crianças fizeram miniaturas, painéis, desenho de detalhes. A cada proposta procurávamos mostrar a elas o trabalho de artistas que retratam o corpo. Depois das propostas, apreciávamos, em grupo, as produções de todos os alunos.

Paralelamente, fazendo uso da literatura infantil e das rodas de conversa, fomos discutindo nossas diferenças individuais em relação ao corpo – conceito de beleza, tipo físico, etnias e características individuais.

Ao fim do trabalho, percebemos uma grande ampliação da consciência corporal das crianças, assim como um desenvolvimento significativo do traço no desenho da figura humana. Reparamos também na qualidade das relações, que passaram a ser mais respeitadas e conscientes.

**DIA 19/10 - 8H30 ÀS 12H30**

## **Criação de atividades para os alunos na Internet**

**Emef Desembargador Sílvio Portugal**  
*Antonia Lúcia Pereira, Vanísio Luiz da Silva,  
Alessandra Pereira Rosa e Marcos Keniti Morikawa*

Através do Front Page e do Excel, softwares disponíveis em todas as escolas municipais e comuns à maioria dos usuários de computador, criamos atividades de Português e Matemática de 1ª a 8ª séries para serem desenvolvidos com os alunos via Internet no site [www.emefsilvioportugal.ubbi.com.br](http://www.emefsilvioportugal.ubbi.com.br), podendo ser considerado desde um simples exercício ou até mesmo como avaliação de aprendizagem, pois através de recursos disponíveis no Excel poderá dizer ao aluno, se ele executou o algoritmo corretamente ou não e até atribuir conceitos P, S, NS.

Em Português para esse congresso trataremos o Hino Nacional que tem por objetivo:

1 – Saber a importância do Hino Nacional e o porquê de sua apresentação nos grandes eventos culturais.

2 – Ter um conhecimento mais próximo da letra do Hino Nacional, tal como a ampliação significativa do vocabulário.

Na área da concentração da matemática, têm sido priorizados os jogos de concentração e de lógica, que habilitam o educando a fazer avaliações de possibilidades.



## **Aprendendo a conviver**

**Emef Dona Jenny Gomes**  
*Nyna Taylor Gomes Escudero*

A escola, ao mesmo tempo em que destaca a diferença, reforça a homogeneização. E é convivendo com essa ambigüidade que os seus protagonistas vão tentando estabelecer suas relações. Por trás de um discurso democrático está uma forte tendência a perpetuar as desigualdades que hoje não se restringem às classes sociais. As questões étnico-raciais, de gênero, também revelam essas desigualdades.

A Educação Física escolar muito tem contribuído para essa perpetuação, já que ainda hoje está vinculada à competição, a valorização de gestos mecânicos e técnicos das modalidades esportivas, pautada, portanto, pela lógica da exclusão, não dando espaço para a criatividade, a autonomia e a descoberta. “Se queremos uma escola libertadora, democrática, é absolutamente necessário que os alunos assumam seu papel de sujeitos, que sejam protagonistas do seu processo de educação” (Vasconcellos dos S. C. - *Mediação das Relações e da Mudança na Escola*, 2002, p.7).

É com essa idéia de escola democrática que procuro fundamentar a minha prática. O presente trabalho foi desenvolvido na Emef Dona Jenny Gomes, no município de São Paulo. Pretendeu promover o diálogo, a reflexão, a

criatividade e a autonomia, tendo como conteúdo a Copa de 2006. Os alunos envolvidos são do 6º, 7º e 8º anos do ensino fundamental.

Embora no início tenha havido alguma resistência, o que é perfeitamente compreensível, pois o salto do silêncio para a voz é muito grande e leva algum tempo para que esse hábito seja incorporado, essa resistência se deu por parte dos alunos que não participaram do projeto em 2005.

O projeto teve o primeiro momento de retomada dos conhecimentos dos alunos sobre a copa e de vivência das variações do futebol, um segundo de ampliação desses conhecimentos quando os mesmos pesquisaram e estabeleceram relações entre o futebol, a economia e a política, identificando as relações de poder que envolvem não só o evento como o próprio futebol. O produto final foi a confecção do painel da copa e a pintura da rua. Foi possível perceber as mudanças de comportamento no que se refere ao olhar para as aulas de Educação Física refletido na frequência e no atendimento e execução das tarefas encaminhadas para a aula seguinte.



## Dança do ventre

*Emef Alexandre de Gusmão  
Ivânia Lima de Oliveira*

Sou professora de ensino fundamental II e ao ser readaptada elaborei um Projeto de dança do ventre.

Minha escola está inserida em uma comunidade carente e muitos dos nossos alunos moram em um mutirão no entorno da escola.

Para mostrar essas duas culturas – árabe e egípcia –, não basta apenas dançar, mas é preciso proporcionar para as alunas outras atividades que, relacionadas à dança, despertem o interesse e a curiosidade e leve até elas um leque de informações sobre essas culturas, seja na leitura de textos como do jornal Oriente e Magia (que traz informações sobre o mundo da dança), na informatização (nas pesquisas de sites de dança), nos movimentos corporais (quando dançamos) e da parte folclórica da dança (história x tipo de dança).

Minha aula se divide em vários segmentos: alongamento, leitura de um texto informativo, vídeo mostrando uma dança folclórica, uma determinada apresentação ou ensaios das próprias alunas, pesquisas no laboratório de informática e dança.

Dificuldades? Tive. O maior obstáculo foi o preconceito em relação à dança do ventre e por estar readaptada desenvolvendo esse projeto.

Hoje posso dizer que sou feliz na realização desse projeto. Os obstáculos foram transpostos e o preconceito vencido.

# Dislexia, cognição e aprendizagem

**Emef Paulo Duarte**

*Maria Ivone Monteiro, Vera Aparecida de Melo da Silva  
e Roseli D' Agostino*

Dez por cento das crianças brasileiras sofrem de dislexia, uma alteração neurológica que causa dificuldades de aprendizagem, motricidade, uso da linguagem, entre outras. Enquanto os estudantes sem problemas levam um ano, em média, para aprender a ler e escrever, os disléxicos demoram o dobro. A maioria se depara com o despreparo dos professores e enfrenta o preconceito dos colegas – o que deixa seqüelas psicológicas para o resto da vida.

As dificuldades das crianças disléxicas estão, geralmente, nas alterações do sistema funcional da linguagem:

- atraso na fala;
- organização temporal – ritmo lento;
- visualização;
- audibilização;
- memória fraca para dígitos e sentenças;
- incapacidade de expressão
- percepção fonêmica e de ordenação de sons pobres;
- rima e aliteração
- cópia – escrita espontânea – ditado
- dificuldade com outra idioma

A fim de facilitar o aprendizado desses estudantes especiais, elaboramos algumas teorias – o significado da dislexia, dislexia visual e auditiva; e alguns exercícios práticos para crianças disléxicas bem como identificar as relações som/grafia.



## Por um desenvolvimento sustentável

**Emef Guimarães Rosa**

*Heleana Aversa Dilena e Maria das Graças M. M. Gutierrez*

Sensibilizada pelo problema das constantes enchentes e pela situação lamentável em que se encontram as famílias cada vez que o rio Aricanduva transborda, alguns professores elaboraram um projeto para ajudar a comunidade do entorno da escola a superar e prevenir as enchentes. Estão integrados neste projeto os conteúdos de Ciências, Geografia, Português e História.

O aluno consciente de suas dificuldades e de seu potencial de superação e de transformação desta realidade e consciente de suas reais possibilidades de promover o desenvolvimento de sua comunidade e de si mesmo dentro dela ampliará seus conhecimentos de Ciências, Língua Portuguesa, História e Geografia, elaborando um projeto que estude, identifique e supere as dificuldades.

Para isso, espera-se que ele seja capaz de levantar hipóteses de superação dos principais problemas que o aflige e à sua comunidade, que a partir daí, pesquise maneiras de superá-los, discutindo, relatando, fotografando, entrevistando e orientando os moradores do entorno da escola, alavancando projetos que garantam durabilidade e ampliação das ações.

A família, intermediando as ações de seus filhos, apóia e facilita essas ações. Através da conscientização da família do aluno – elo importante da rede de proteção social do mesmo veículo de comunicação entre as demais instituições que compõem o entorno da escola – o projeto é expandido.

## **Ensinando e aprendendo geografia com as palavras tupi-guarani**

### ***A língua tupi-guarani e sua relação geográfica em nosso cotidiano***

**Emef Dom Veremundo Toth**  
*Deolival Gusson Filho*

Como consequência direta da existência de índios por todo o território nacional, mais especificamente no município e no Estado de São Paulo, é muito comum que grande parte de ruas, avenidas, bairros e cidades tenham relação com nomes Tupi Guarani. A justificativa pode ser histórica e geográfica. Histórica no sentido de que os índios em determinados momentos da formação do país foram recrutados e escravizados para colaborar forçosamente na construção da colônia, logo após vieram os negros e aí sabemos as consequências. No aspecto geográfico é possível destacar que muitas caracterizações e símbolos da natureza ficaram guardados nos nomes sem percebermos seus significados e possíveis associações com o lugar referido.

É muito comum os topônimos indígenas estarem associados a diversos tipos de plantas e diversos fins; utensílios de caça, pesca e domésticos, bem como diversas tipos de aves; peixes, animais de caça, cachoeiras e rios, pedras e montanhas. Dessa forma, certos nomes não estão de acordo com a realidade atual. E aí é que entra o prazer de trabalhar os topônimos. Por exemplo. Será que tem congonhas no aeroporto de Congonhas? Se não, vejamos: congonha é uma espécie de planta para chá.

Recentemente a NOVA ESCOLA de Abril de 2004 mostrou a reportagem do projeto nota 10 do professor Josimar Xawapare'ymi Tapirapé MS intitulado "em busca da palavra perdida". Entre as diversas estratégias utilizadas ele recomendou às crianças que fossem pesquisar com os idosos de sua tribo lendas, mitos e palavras desconhecidas.

Evidentemente que nosso objetivo não seria alcançado sem uma fonte segura de informação sobre os significados dos nomes de origem Tupi. Após muito pesquisar entendo ser o "Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi – significado dos nomes geográficos de origem tupi" de Luiz Caladas Tibiriçá Ed. Traço 1985 SP o mais confiável,

Em geral esses estudos partem da paisagem local, suas origens e organizações, das manifestações da natureza, e as transformações sofridas ao longo do tempo. Em paralelo é possível identificar a situação ambiental da sua localidade, bem como, pensar em ações que promovam a proteção e preservação do ambiente e sua relação com a qualidade de vida e saúde.

# Estímulo à leitura por meio da narrativa de interação

## *A aventura de curumatara: uma proposta de leitura interativa e interdisciplinar*

**Emef Afrânio de Melo**

Marisa R. das Neves e Cássia Alvarez

O desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II do ensino fundamental, os processos envolvendo a formação de leitores têm passado por mudanças. Houve épocas em que foram estimuladas leituras em voz alta, em outras predominou a imposição da leitura solitária e silenciosa. “Hoje, sabe-se que o exemplo de um bom leitor, que lê em voz alta para um grupo em formação que acompanha o desenrolar das palavras, frases e idéias a partir de uma cópia do mesmo texto, contribui como referência para aqueles que são iniciantes sobre o modo como se deve ler.”

Ao ler para a turma, o professor revela comportamentos leitores adequados para os diferentes gêneros textuais, estimula a concentração da criança e sua imaginação, amplia repertórios, oferece o acesso a literatura de boa qualidade, favorece o aprendizado da linguagem em que se escreve, e tem a oportunidade de despertar no aluno o prazer e o gosto pela leitura.

Elaboramos um projeto de trabalho, destinado às turmas dos primeiros anos do ciclo II, que incluía a atividade de leitura do professor em voz alta e no qual estavam envolvidos professores de diferentes áreas do conhecimento.

Após termos traçados os objetivos do projeto, bem como sua justificativa, iniciamos a primeira etapa do planejamento que foi a escolha do livro a ser lido em sala de aula. Todos concordaram que, para atingir com êxito seus objetivos, uma atividade de leitura compartilhada necessita, entre outros aspectos, considerar os interesses dos alunos.

Sem dúvida, a leitura escolhida *Curumatara: de volta a floresta*, atendeu plenamente aos anseios do grupo, pois além de fazer parte dos interesses da faixa etária dos alunos, certamente, manteria a atenção dos alunos, dispostos a defender suas próprias opções.

A obra destaca-se por tornar o leitor um dos personagens centrais da história que deve ajudar o Curupira a voltar a sua mata e salvar os animais ameaçados pela construção de uma usina hidrelétrica. Durante a história, surgem conceitos relacionados à ecologia, à matemática, ao folclore, e principalmente a valores de preservação ambiental, respeito e solidariedade.

Como o objetivo era trabalhar com turmas de alunos, portanto, um leitor coletivo, confeccionaram-se em cartolinas, fichas de personagem/leitor, uma para cada sala, nas quais se registraram as características do personagem que participaria da aventura, os objetos que poderia utilizar em sua jornada, além de um espaço para os capítulos, para que se mantivesse o controle de todas as cenas numeradas percorridas.

# Ponto de vista

*Emefm Antônio Alves Veríssimo*

*Ricardo F. Hydalgo*

Há muitos anos trabalho com a releitura de imagens e criação de contos a partir de imagens. Os trabalhos ficavam expostos e a seguir eram devolvidos para os alunos. Infelizmente acabavam perdidos.

E por que não encadernar e deixar na biblioteca da escola, onde se tornariam objeto de estudo?

Partindo deste ponto, os trabalhos entregues não foram mais devolvidos aos alunos e viraram livretos de histórias, que todos pudessem apreciar, professores, alunos e demais interessados.

O material é simples. Uma imagem qualquer colada em folha de sulfite. Os alunos, a partir da imagem criarão um conto, relacionando ou não à sua realidade.

Primeiro é feito o rascunho, onde será feita a correção da escrita e dicas para desenvolver melhor a história. Feito isso, o aluno transcreverá para o sulfite. A primeira parte do processo está concluída. Logo a seguir o aluno deverá ilustrar o conto, só que neste desenho haverá a relação entre a escrita e a imagem. O Leitor identificará esta relação ao apreciar o desenho, depois de ler a história.

**DIA 19/10 - 14H30 ÀS 17H30**

## Ler, escrever e o computador na educação infantil

*Emei Marcílio Dias*

*Maria do Carmo Ramirez*

Ao longo da história os suportes matérias e os instrumentos de produção da leitura e da escrita foram mudando: com a mão, com a imprensa, com a eletrônica e ao mesmo tempo foram mudando as funções do texto, o conhecimento implicado e as atividades requeridas na interação que o leitor /escritor passou a estabelecer com o texto e sua materialidade.

É inegável que a tecnologia da informação atual trouxe mudanças consideráveis, na leitura e na escrita, mas as relações entre as atividades intelectuais de leitura e escrita, o texto e sua materialidade não se dão em uma só direção, há uma relação recíproca que não é nova ao longo da história e que sempre produzem novos resultados intelectuais.

A leitura multimídia (texto, som, animação) é diferente da leitura linear sobre o papel.

A escrita no computador para uma criança que está aprendendo a escrever faz com que ela assista à escrita de um usuário sobre o teclado. Vê e aprende que as letras estão no teclado e que em vez de traçar grafias para escrever deve pressionar as teclas, mas para isso, tem que reconhecer as letras. A forma da letra maiúscula e minús-

cula que por vezes acontece e que passa a ser reconhecida por ela e o posicionamento das palavras, é o que lhe é apresentado em todo o mundo letrado de seu entorno e traz como consequência à alfabetização.

Nossa prática está fundamentada no Estudo de Alfabetização e Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) Ana Teberoski. Após conhecermos as teorias, iniciamos a prática e observamos o envolvimento dos alunos com as novas descobertas.



## **Construindo a alfabetização usando o rodízio de atividades**

### ***Projeto Higiene Corporal***

***Emef Oliveira Viana***  
*Célia Aparecida R. Ornaghi*

Nossa sociedade se diferenciou nestas últimas décadas, com consequências trágicas dentro do anseio de cada família. Nossas crianças ficam desprotegidas na própria casa, pois com mães que se ausentam ou ocupam o mercado de trabalho para completar ou subsidiar o sustento da própria prole.

Assim, as crianças perdem as bases de identificação de funções vitais que possibilitam melhores condições e qualidade de vida.

Sobrevivendo, as crianças crescem principalmente na periferia de nossa cidade sem acompanhamento.

Desta forma, a escola ganha nova função. Acompanham esses alunos que necessitam vivenciar e sistematizar noções básicas alimentares, higiene, sociais e éticas.

O Projeto Higiene Corporal visa atender e preencher essa lacuna familiar.

Ao desenvolvimento do projeto os alunos reconstruem e vivenciam o processo de higienização corporal sistematizando cada ação.

Em grupo, descobriram o significado da higiene corporal, analisando produtos, recursos que a humanidade, culturalmente, assimilou durante anos.



## **Jovem Guarda Kids**

***Emef Teófilo Ottoni***  
*Claudia Catarina Pedroso Rongetta*

Relatei aos alunos do 3º ano do 1º Ciclo o objetivo do projeto que era conhecer a cidade de São Paulo de ontem e de hoje.

Uma aluna trouxe o livro “ E não é que era amor..”, de Roberto Wallace, um romance que acontece na cidade de São Paulo nos anos 60. O livro trazia muito do que íamos trabalhar e de maneira agradável.

Utilizando estratégias de leitura (antecipação, inferência e checagem), tentei transmitir toda a emoção da obra.

Semanalmente, líamos uma parte da história até um ponto no qual o aluno se sentisse motivado, interessado e curioso na continuidade da leitura.

Durante esse processo surgiram várias questões sobre a veracidade dos fatos relatados da época, da cultura, dos costumes, da política e, até mesmo, sobre a vida pessoal do autor. Como o livro cita trechos de músicas da Jovem Guarda, cantei algumas delas para os alunos e falei sobre o movimento musical. Os alunos gostaram e resolvemos terminar o projeto com um musical.

Pesquisamos e recebemos contribuições dos pais, com revistas antigas, discos e visitas de avós que deram entrevistas sobre a vida na época.

Fizemos uma reescrita do livro e encadernamos.

Enviamos e-mails para o autor que os respondeu prontamente e compareceu à escola para participar do evento e autografar os livros reescritos pelos alunos.

Contamos com a participação de professores, do diretor, de mães de alunos e do autor, todos caracterizados como os artistas da Jovem Guarda.



## **E eu com o lixo? evitando o desperdício de alimentos**

*Emef Teófilo Benedito Ottoni  
Heleny Serrano*

Entendo que os desafios da educação são problemáticas que de quatro em quatro anos temos que vencer com a troca de gestores e conseqüentemente a troca dos programas pedagógicos.

Apesar desse difícil desafio, gostaria de ocupar esse espaço para dar ao professor o devido reconhecimento pelo dom valioso que tem, pois, contudo, encara, luta e ultrapassa com qualidade, diplomacia e categoria os desafios que surgem.

A confecção de um simples livro de receitas, em inglês, com alunos dos cursos supletivo e regular deu grande satisfação à todos os envolvidos no projeto: alunos, professores, equipe de apoio, equipe técnica, laboratório de informática e equipe da cozinha terceirizada.

O reconhecimento veio com o carinho com o qual os alunos dedicaram o livro a uma pessoa querida, apresentaram na feira cultural e na mostra “Paulo Freire” na USP, momento em que um aluno do supletivo ao chegar no local disse: – Professora se eu quiser vir aqui, eu poderei entrar? é tão lindo... e no início da apresentação quando chamei uma aluna para falar sobre o projeto cumprimentou o público e se apresentou falando em inglês.

Independentemente da gestão, que insiste em mudar o que está dando certo, como parcerias da sala de leitura com sala de aula e sala de informática, temos compensações, como neste projeto.

# Preservação de um fragmento remanescente da Mata Atlântica do Parque Ipê

**Emef Teófilo Benedito Ottoni**

*Maria Cristina Francisco e Cássia C. B. Fogaça  
(parceria com a Associação Amigos de Bairro  
do Parque do Ipê e Centro de Educação Ambiental  
do Parque da Previdência)*

Em agosto de 2003, a bióloga Silvana Santos, presidente da Associação Amigos de Bairro do Parque Ipê, e René Costa, do Centro de Educação Ambiental (CEA) do Parque da Previdência, buscaram o apoio da escola para a luta pela preservação de um fragmento remanescente da Mata Atlântica (1.545.355,40 m<sup>2</sup>), localizado no Parque Ipê, fazendo limite com Cotia, Taboão da Serra, Embu, Osasco e São Paulo. Na área seria construída uma nova Ceagesp.

O coletivo da escola considerou como relevante a oportunidade de atuação em um projeto de responsabilidade sócioambiental, que vinha ao encontro do projeto pedagógico da escola de interdisciplinaridade via eixo temático (“Ética e valorização da vida: eu, o outro e tudo que nos envolve”) e atendia ao desejo de extrapolação de seus muros para a transformação da realidade.

Com o objetivo de tornar a aprendizagem significativa, envolvendo todas as áreas do conhecimento, em ações transformadoras da realidade, foram desenvolvidas várias ações, entre as quais podemos citar: trilhas com professores e alunos, elaboração de rede temática e planejamento de atividades, encaminhamento de abaixo-assinado para o Ministério Público, plantio de 800 mudas de árvores, ato público pela criação de uma Área de Relevante Interesse Ecológico (Arie), audiência pública na Assembleia Legislativa, encontros pró-mata, reportagens (TV Cultura e SPTV Comunidade), ida ao palácio do governo e evento de assinatura do decreto de criação do parque “Fazenda Tizo”, em 25/05/06.

Os resultados foram significativos: experiências de leitura e escrita com função social, fortalecimento do coletivo, incentivo ao protagonismo infanto-juvenil, maior integração entre sala de aula, salas de leitura, de informática e SAP. Aprendemos e ensinamos o que é responsabilidade sócioambiental. A mata foi preservada e São Paulo ganhou um novo parque ecológico.

---

## Conhecendo o mundo através da literatura infantil

**Emei Laudo Ferreira de Camargo**

*Luciana Balderrama Ferreira, Magali Battistini,  
Maria Adelaide Volpe, Maria Silvia Ferraz do Amaral  
e Sandra Aparecida dos Santos*

O projeto foi todo baseado no sentido de desenvolver a competência da linguagem expressiva e as habilidades comunicativas, enfatizando as ações positivas. O projeto

Conhecendo o mundo através da literatura infantil tem como princípio básico difundir o hábito pela leitura na escola e na comunidade, propiciando a todos uma convivência maior com o meio letrado.

Neste processo, o professor é o mediador entre os futuros leitores e os diversos gêneros literários, favorecendo o gosto pela leitura, podendo garantir seu sucesso ao longo da trajetória escolar e ampliar sua compreensão de mundo.

A literatura Infantil pode ser a chave para um bom aprendizado escolar. Familiariza a criança com o mundo dos livros, entrando num mundo imaginário.

É através dos momentos de leitura que fazemos com que a criança adquira o gosto pela leitura e passe a apreciar as histórias, tornando-se um leitor.

Ao final do semestre pudemos avaliar o processo, observando os diversos aspectos abordados e, com base nos resultados obtidos, construímos a continuidade do mesmo para o segundo semestre.

“O olhar de quem quer desenvolver qualquer competência não está no déficit do ser, mas naquilo que ele pode tornar-se.”



## Inclusão perversa

*Emei Laudo Ferreira de Camargo*

*Maria Silvia F. do Amaral, Sandra Aparecida dos Santos, Maria Adelaide Volpe, Magali Batistini e Luciana B. Ferreira*

Refletir sobre as necessidades que as crianças com dificuldades especiais enfrentam em salas de aula da rede regular de ensino, seu desenvolvimento e as oportunidades que lhes são oferecidas atualmente, as dúvidas do professor e suas expectativas frente a inclusão do modo como ela vem acontecendo são os objetivos deste trabalho frente: muita leitura, prática docente e observações ao longo destes últimos anos por nós percorridos.

Hoje há muita controvérsia entre estarmos defendendo o modelo atual desenvolvido na chamada inclusão escolar e os novos rumos que os profissionais em educação querem dar diante do contexto em que está a escola brasileira.

Tentando minimizar os desafios que a criança com necessidades especiais enfrenta na escola dita inclusiva e mantendo diálogo com a realidade, vamos juntas refletir a respeito do caminho até aqui percorrido, observando erros e acertos e o que podemos fazer para melhorar este caminhar.

O grupo vai, através de análise criteriosa, levantar alguns pontos importantes, como educação para todos, Declaração de Salamanca, o que é inclusão, modelo de escola inclusiva, fundamentos teóricos da inclusão, leis, critérios e aspectos dificultadores da inclusão escolar.

Após esta análise, faremos uma proposta de ações que poderão contribuir para melhorar o processo inclusivo em nossas escolas.

Em momento algum o grupo é contrário à inclusão. O que queremos é levantar questionamentos sobre o tema, buscar um novo caminhar, superando obstáculos rumo a uma inclusão menos perversa e mais humana.

# Emee com a Matemática na Copa

*Emee Professora Vera Lúcia Aparecida Ribeiro  
Roseli Gonçalves do Espírito Santo  
e Hebe Yukari Nakamura*

Nossos alunos são surdos. Assim, como qualquer criança, é necessário apresentar a eles temas da Matemática como medidas e grandezas de uma forma visual e com sentido. Por isso, utilizamos a Copa do Mundo 2006 (da Alemanha), por ser um tema de interesse deles e também aproveitar a oportunidade em que os alunos estariam acompanhando os jogos para criar um ambiente em que poderiam melhor visualizar os conhecimentos adquiridos.

No trabalho bilíngüe para surdos a Libras é a primeira língua e instrumento que nossos alunos utilizam para a aquisição de novos conhecimentos. A sua segunda língua é a escrita do Português, adquirida na escola. Desta forma, o trabalho se baseou na necessidade de utilizar a Libras e o Português escrito, além do visual, que é um aspecto de grande relevância para os nossos alunos.

Foram confeccionados, em papel cartão, cartazes em formato de camiseta, afixando em cada um fotos dos jogadores da seleção brasileira. Os alunos escreveram nome, número, idade, peso e altura dos atletas. Além disso, fixamos nas camisetas lacres de latas de refrigerante para demonstrar a idade dos jogadores, dividida em dezenas e unidades. Colamos figuras de pacotes de cinco quilos de arroz e um quilo de açúcar relacionado com o peso e barbantes foram cortados de acordo com a altura dos jogadores. Depois, confeccionamos cartazes dos alunos contendo os mesmos itens. Finalizado este processo, filmamos os alunos relatando em Libras o seu nome, sinal, idade, peso e altura. Em seguida no laboratório de informática estes dados foram digitados para a realização de uma apresentação em Power Point e também com o Windows Movie Maker a produção de um filme em Libras com legenda em português.



## **A inclusão pedagógica do surdo, construção de linguagem, identidade e cidadania**

*Emee Professora Vera Lúcia Aparecida Ribeiro  
Telma Regina Salles, Débora Rodrigues Moura,  
Alecsandra Ap. Marcondes Guimarães e Fábio de Sá e Silva*

Este é um projeto que visa formar e afirmar a identidade surda, através de atividades de interação entre surdos adolescentes e crianças surdas, promovendo esse contato entre os iguais, para desenvolver o pensamento e raciocínio desses indivíduos. Esse processo se dá de uma forma contextualizada, através da literatura, oportunizando o contato com a 2ª língua dos surdos (Língua Portuguesa) e valorizando aquela que é o alicerce de suas construções (língua de sinais).

Esse projeto conta com etapas pré-estabelecidas, or-

ganizadas de forma que permitam aos alunos refletirem sobre o trabalho e ajudarem na organização das atividades, dando-lhes responsabilidades e autonomia no uso de recursos lingüísticos que lhe são naturais (em língua de sinais) e aprimorar seus conhecimentos na segunda língua (Língua Portuguesa).

As crianças se beneficiam muito, pois podem se reconhecer nos adolescentes surdos, iniciar um contato mais próximo com materiais escritos, experimentar seus conhecimentos na língua de sinais, aprimorar e organizar seu discurso e participar da comunidade surda de maneira efetiva.

Durante a aplicação do projeto, muitos resultados positivos vêm sendo alcançados. Paralelamente a este trabalho com os alunos existe a preocupação com o atendimento aos pais para que todo este processo não se perca. Por isso, é oferecido a eles aulas de língua de sinais ministradas pelos adolescentes surdos, preparadas com o monitor surdo e alguns professores da unidade escolar, para que os pais estabeleçam comunicação com seus filhos, conheçam a cultura e a comunidade surda e também vislumbrem as possibilidades de os filhos crescerem se tornando cidadãos.